



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA DE LISBOA

COMUNIDADES DESALOJADAS

ALOJAMENTO MODULAR TEMPORÁRIO EM SOLOS URBANOS
DEVOLUTOS

Mélanie Laura Leboeuf

(Licenciada)

Projeto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura,
especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Presidente do Júri: Professor Doutor João Nuno de Carvalho Pernão

Vogal: Professora Doutora Maria Dulce Costa de Campos Loução

Orientador: Professor Doutor Nuno Miguel Gomes Arenga da Cruz Reis

DOCUMENTO DEFINITIVO
LISBOA, FAUL, FEVEREIRO 2020



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA DE LISBOA

COMUNIDADES DESALOJADAS

ALOJAMENTO MODULAR TEMPORÁRIO EM SOLOS URBANOS
DEVOLUTOS

Mélanie Laura Leboeuf

(Licenciada)

Projeto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura,
especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Presidente do Júri: Professor Doutor João Nuno de Carvalho Pernão

Vogal: Professora Doutora Maria Dulce Costa de Campos Loução

Orientador: Professor Doutor Nuno Miguel Gomes Arenga da Cruz Reis

DOCUMENTO DEFINITIVO
LISBOA, FAUL, FEVEREIRO 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores pela dedicação, profissionalismo, incentivo e disponibilidade, em especial ao meu orientador, que desde o início percebi que terminaria este percurso acadêmico com o seu apoio. Obrigada por ter aceite concluir esta caminhada, como o desejava.

À enorme pessoa que a faculdade me deu a conhecer, o meu namorado que me apoia incondicionalmente no curso como na vida.

Ao meu pai, a quem dedico este sonho que em parte também é dele. Obrigada pelas noites em branco a fazer maquetes, pelas opiniões de projetos bem e mal conseguidos.

À minha mãe, que nunca me deixou desistir deste curso que tantas questões me pôs.

Aos meus avós que sempre foram um exemplo a seguir.

Ao meu irmão por me demonstrar que tudo é possível com trabalho e perseverança.

A todos os meus colegas que se tornaram amigos, que me acompanharão hoje e sempre.

Obrigada!

RESUMO

Este relatório de projeto final de mestrado aborda a arquitetura modular como forma de responder a um problema social: os cidadãos sem abrigo na cidade de Lisboa.

Tendo como principal linha de consideração a cultura e os costumes da sociedade, estuda-se a reinserção de uma comunidade sem abrigo na sociedade a que outrora pertencera não desprezando a vulnerabilidade destes Homens que por questões que nos são alheias perderam o direito à habitação.

Este relatório pretende abordar temas como: a importância da habitação, percebendo os fatores que levam à perda da mesma; a adaptação do Homem a um novo espaço de habitar, demonstrando que o ser humano é de hábitos e que por isso uma casa não convencional não perde o seu valor, uma vez que compreende as noções básicas de conforto.

É importante frisar a dificuldade de adquirir alojamento na capital portuguesa, pelos valores praticados na cidade que não acompanham os valores do rendimento público, posto isto é importante analisar as vivências e porque se desenvolvem os bairros sociais, sendo tema uma vez que é um fator base da ideia para deste novo espaço habitacional de caráter temporário.

A ideia deste projeto tem como base a "tenda", *como elemento que monta e desmonta consoante a necessidade, que me alberga durante um espaço de tempo, que usa o terreno sem o danificar, devolvendo-lhe a forma inicial quando me vou embora*, produzindo pequenos módulos de dormitórios, agrupando-os numa estrutura habitacional com núcleos de apoio e atividades coletivizadas.

PALAVRAS CHAVE:

Arquitetura Modular - Efemeridade - Tenda - Alojamento Social - Lisboa

ABSTRACT

This master's project report addresses modular architecture as a way to respond to a social problem: homeless citizens in the city of Lisbon.

Having as main consideration society's culture and costumes, it is intended to create a reinsertion of a homeless community in the society once belonged, not disregarding the vulnerability of these men who for reasons that are foreign to us lost their housing rights.

This report aims to address issues such as: the importance of housing, perceiving the factors that lead to its loss; man's adaptation to a new space to inhabit, demonstrating that the human being is made of habits and therefore a non-conventional house does not lose its value, since it understands the basic notions of comfort.

It is important to highlight the difficulty of acquiring housing in the Portuguese capital, due to the values practiced in the city that do not follow the values of public income, since this is important to analyze the experiences and why the social neighbourhoods are developed, being a theme since it is a basic factor of the idea for this new housing space of temporary character.

The idea of this project is based on the "tent", as an element that I mount and dismount as necessary, which shelters me for a period of time, uses the terrain without damaging it, returning it to its original shape when I leave, producing small dormitory modules, grouping them into a housing structure with support centers and collectivized activities.

KEY WORDS:

Modular Architecture - Ephemerality – Tent - Social Housing - Lisbon

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	V
RESUMO	VII
ABSTRACT	IX
ÍNDICE GERAL	XI
ÍNDICE DE FIGURAS	XIII
INTRODUÇÃO.....	1
ENQUADRAMENTO.....	5
OBJETIVOS	7
METODOLOGIA	8
ESTRUTURA	9
01 HABITAÇÃO E SOCIEDADE	11
1.1 IMPORTÂNCIA DO HABITAR	13
1.2 IMPORTÂNCIA DA CULTURA DA SOCIEDADE NA HABITAÇÃO.....	15
1.3 CULTURA DA COMUNIDADE PORTUGUESA	16
1.4 NOÇÃO DE UM NOVO ESPAÇO HABITAR	19
02 CARÊNCIA HABITACIONAL.....	21
2.1 SEM ABRIGO EM PORTUGAL.....	23
2.2 CAUSAS PARA A PERDA DE HABITAÇÃO	26
2.3 AS DIFICULDADES DE ENCONTRAR ALOJAMENTO EM LISBOA	28
2.4 BAIRROS SOCIAIS.....	29
03 ARQUITETURA MODULAR PORTÁTIL	31
3.1 ARQUITETURA MODULAR	33
3.2 ARQUITETURA PORTÁTIL.....	34
04 PROPOSTA PROJETUAL	37
4.1 REFERÊNCIAS DE PROJETO	39
4.1.1. CASA EM CAMINHA – SERGIO FERNANDEZ.....	40
4.1.2. DOM-INO – LE CORBUSIER	42
4.1.3. NARKOMFIM – MOISEI GINZBURG	43

4.2 PERMISSAS DE PARTIDA	45
4.2.1. CONTEXTO E ENQUADRAMENTO	46
4.3 MÓDULO	47
4.4 AGREGAÇÃO	48
4.5 ELEMENTOS CONTRUTIVOS	49
05 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55
ANEXOS	59

ÍNDICE DE FIGURAS

FIG. 1 – ESTACIONAMENTO CAMPO PEQUENO. IMAGEM GOOGLE EARTH.....	5
FIG. 2 – ESTACIONAMENTO OLAIAS. IMAGEM GOOGLE EARTH	5
FIG. 3 – ESTACIONAMENTO SALDANHA. IMAGEM GOOGLE EARTH	5
FIG. 4 - ORGANOGRAMA FEITO PELO AUTOR COM BASE NOS DADOS ENIPSSA (ESTRATÉGIA NACIONAL PARA A INTEGRAÇÃO DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE SEM-ABRIGO); 2017-2023 (P.10)	24
FIG. 5 – HABRAKEN, N.J. (1979). EL DISEÑO DE SOPORTES. ZONAS	35
FIG. 6 – ORGANOGRAMA REFEITO (HABRAKEN, N.J. (1979). EL DISEÑO DE SOPORTES. P.52)	35
FIG. 7 – HABRAKEN, N. J. (1979). EL DISEÑO DE SOPORTES. USOS	35
FIG. 8 – HABRAKEN, N. J. (1979). EL DISEÑO DE SOPORTES. POSIÇÕES.....	36
FIG. 9 - CASA DE CAMINHA (INTERIOR); FONTE: ÁLBUM FOTOGRÁFICO DE INÊS DOREY	40
FIG. 10 - DESENHOS TÉCNICOS (RETIRADO DE "SIMPLY ARCHITECTURE"). S/ ESC.....	41
FIG. 11 - LE CORBUSIER: SISTEMA DOM-INO, 1914. PERSPECTIVA DO SISTEMA (LE CORBUSIER, 1914)	42
FIG. 12 - PLANTA BAIXA DO SISTEMA (FRAMPTON, 1979)	42
FIG. 13- CORTE DEMONSTRATIVO DO SISTEMA (FRAMPTON, 1979)	42
FIG. 14 - PLANTA BAIXA COM OS PILARES DO SISTEMA (FRAMPTON, 1979) ...	42
FIG. 15 – PERSPECTIVA AXONOMÉTRICA DEMONSTRANDO A MONTAGEM DAS LAJES (FRAMPTON, 1979)	42
FIG. 16 - EDIFÍCIO HABITACIONAL NARKOMFIM (RETIRADO DE INRUSSIA)	43
FIG. 17 – PLANTAS TIPOLOGIAS F E K (RETIRADO DE SOCKS)	43
FIG. 18 – DESENHOS EXPLICATIVOS DE WIEBER, M. (RETIRADO DE ARCHINEL)	44
FIG. 19 – ESTACIONAMENTO OLAIAS. (FOTOGRAFIAS AUTOR).....	45
FIG. 20 – ESTACIONAMENTO SALDANHA. (FOTOGRAFIAS AUTOR).	45
FIG. 21 – ESTACIONAMENTO CAMPO PEQUENO. (FOTOGRAFIAS AUTOR)	45
FIG. 22 – ESTACIONAMENTO CAMPO PEQUENO (AV. SACADURA CABRAL). S/ ESC.	46
FIG. 23 – ESTACIONAMENTO OLAIAS (R. LUIS MONTEIRO). S/ ESC.....	46

FIG. 24 – ESTACIONAMENTO PICOAS (R. PEDRO NUNES – R. FILIPE FOLQUE), S/ ESC.	46
FIG. 25 – AXONOMETRIA EXPLODIDA DO MÓDULO (TIPOLOGIA A) S/ ESC.	47
FIG. 26 – TIPOLOGIA A, B E C. POSSIBILIDADES DE AGRUPAR OS MÓDULOS. S/ESC.	47
FIG. 27 – RELAÇÃO ENTRE APOIOS E MÓDULOS. INFRAESTRUTURAS NAS EXTREMIDADES DA ESTRUTURA	48
FIG. 28 – POSSIBILIDADES DE AGREGAÇÃO. ESTACIONAMENTO CAMPO PEQUENO, PICOAS E OLAIAS RESPETIVAMENTE. S/ESC.	48
FIG. 29 – LE CORBUSIER. L'UNITÉ D'HABITATION – ASSEMBLAGE PHOTO	49
FIG. 30 – RELAÇÃO MÓDULO – ESTRUTURA METÁLICA.....	49

INTRODUÇÃO

O desalojamento tem de começar a ser um problema pensado e resolvido, principalmente nas ruas da capital portuguesa. O caso cada vez se agrava mais, hoje a cidade é para ricos, e cada vez mais são os casos de pessoas que devido aos baixos salários se sujeitam a condições precárias. Sente-se um desprezo tremendo sobre as pessoas nacionais que deambulam pelas ruas de Lisboa, sem ter mais sítio para onde ir descansar, sujeitos a dormir em bancos de jardim, escadas de edifícios, que a única forma de guardar os seus pertences é em cartões expostos e como se não bastasse, sujeitos ao vandalismo de cidadãos revoltados.

A presente tese tem como principal objetivo apresentar uma solução a este problema descrito, demonstrando algum desagrado no rumo que a cidade está a tomar, pois morar dignamente é um direito de todos!

A proposta recai sobre o estudo das necessidades e cultura dos cidadãos sem alojamento, com uma crescente preocupação na bagagem de más experiências que estes casos transportam. Propondo como solução temporária ao problema: um alojamento modular que resolve esta questão durante o processo de mudança para uma solução de longo prazo, acreditando que é possível devolver abrigo a estas pessoas. Pretende-se que esta ideia reverta como ponto de partida para um possível interesse de entidades superiores a um estudante mestrado em arquitetura, para uma preocupação que deveria ser social.

ENQUADRAMENTO



Fig. 1 – Estacionamento Campo Pequeno.
(imagem Google Earth)



Fig. 2 – Estacionamento Olaias.
(imagem Google Earth)

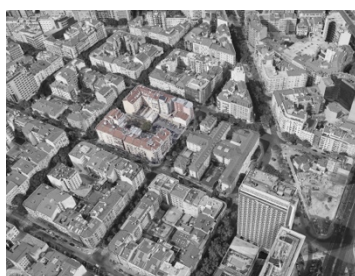


Fig. 3 – Estacionamento Saldanha.
(imagem Google Earth)

O presente trabalho surge do interesse em albergar comunidades desalojadas, tendo como principal caso de estudo a cidade de Lisboa. Este mesmo interesse surge da preocupação com os modos de vida dos habitantes em Portugal, uma vez que a prioridade política do país é o turismo manifestando, infelizmente, pouco interesse quanto aos direitos do cidadão português. A dificuldade em adquirir habitação tem-se tornado cada vez mais difícil, tendo em conta os valores praticados na cidade, como exemplo um T0 no centro da cidade (Avenidas Novas), custa 950€/mês, sendo o salário mínimo 600€/mês. “Com menos de 600 euros dificilmente se aluga um T1 e com menos de 200 mil euros é quase impossível comprar um T2”¹.

Procura-se responder a estas questões de forma rápida, por um curto de espaço de tempo, solucionando a falta de abrigo até ser pensada uma nova solução como um possível bairro social, de reintegração destas pessoas em situações precárias à cidade capital. Estuda-se nesta proposta portanto, um espaço de alojamento não convencional, com base nas premissas de arquitetura modular, tendo em conta as noções básicas de conforto para a vida humana, devolvendo um abrigo para situações extremas de inacessibilidade a uma habitação.

Esta proposta de alojamento modular temporária, tem como objetivo integrar-se em qualquer tipo de terreno, uma vez que Lisboa possui inúmeros terrenos devolutos, outrora usados como imóveis de habitação, hoje aproveitados como parques de estacionamento, surge o interesse do uso do espaço de forma pouco invasiva, desenvolvendo uma estrutura habitacional de carácter temporário, albergando comunidades desalojadas.

A ideia projetual referente a este documento incide sobre três terrenos disponíveis em Lisboa bastante distintos para demonstrar as versatilidades e possibilidades da agregação: o estacionamento da Av. Sacadura Cabral, no Campo Pequeno (fig.1), uma vez que se trata de um estacionamento de grandes dimensões; o estacionamento da Rua Luís Monteiro, nas Olaias (fig.2), este por sua vez com menores dimensões e com maior desnível, com o interesse de demonstrar que é possível incluir esta estrutura não somente em terrenos planos; e por fim, o estacionamento da Rua Pedro Nunes, ligando também o terreno devoluto da rua paralela, Filipe Folque, no Saldanha (fig.3), tratando-se de um estacionamento de menores dimensões.

¹ Morar em Lisboa (2016). “Quem vai poder morar em Lisboa?” Da gentrificação e do turismo à subida no preço da habitação: causas, consequências e proposta.

Não obstante esta ideia poderá ser aplicada em diversas zonas do país, sem se prender aos estacionamento como exemplifica a presente tese. O interesse de intervir em estacionamento é meramente pessoal, uma vez que existem imensos estacionamento subterrâneos, construídos de raiz com essa mesma função e por vezes vazios, sem qualquer uso. Estes terrenos invadidos por estacionamento, maioritariamente pagos, podem ser usados para albergar tantas pessoas que dormem pelas ruas de Lisboa ou mesmo que debaixo de um teto sujeitam-se a condições precárias, nocivas para a saúde uma vez que carecem de condições de higiene e isolamento térmico.

OBJETIVOS

O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar, como já referido, através de uma solução modular um núcleo habitacional a uma população desalojada, de forma efémera, uma vez que esta estrutura possui somente as condições mínimas de conforto, mas essenciais à vida do Homem, tem portanto como principal atenção as necessidades e costumes da comunidade a servir. Sendo este um projeto para Lisboa, tem como base de estudo a cultura portuguesa.

Pretende-se que seja uma proposta de fácil construção, de baixo custo e pouco invasiva no terreno podendo ser o mais flexível e de rápida e fácil integração a qualquer tipo de vazio urbano.

Estuda-se um espaço que cumpra os mínimos essenciais e por isso, o módulo é definido por uma zona de armazenamento e alcova, percebendo que as necessidades de um sem abrigo remete para um espaço íntimo e seguro onde possa colocar os pertences que traz consigo. Esta proposta divide-se em três espaços, uma zona *privada* (o módulo), uma zona *semiprivada* (o balneário, a lavandaria e o refeitório) centralizando neste único espaço as infraestruturas do núcleo e uma zona *pública* (espaço exterior) pretendendo que esta estrutura seja o menos invasiva possível no terreno, é importante pensar em espaços urbanos pontuais, tencionando uma reinserção da comunidade na cidade. Fazendo este espaço parte de Lisboa, a estrutura e a urbanidade elementar farão com que a população já residente o percorra como se de novas vias se tratassem. Esta questão de inclusão social é bastante importante, no entanto uma das questões mais complicadas a resolver, uma vez que se trata de uma sociedade que “olha de lado” para os sem abrigo, seja por pena, preconceito ou por nunca se imaginar em tal posição. Torna-se complexo, e por isso questiono se a arquitetura não poderá ser um elemento que ajude a mudar a desintegração social?

METODOLOGIA

A metodologia adotada será baseada nos casos de estudo e pesquisas realizadas. As referências e o projeto proposto terão como base a importância de criar alojamentos e as necessidades de uma comunidade desalojada de modo a perceber as vantagens de uma habitação efémera, afim de criar interesse em conceber alojamentos permanentes a custos mais baixos, adaptados à vida real de Portugal, assim como à cultura e costumes da mesma. Procura-se intervir com base nas noções da arquitetura modular, proporcionando habitações simples, funcionais, versáteis e de baixo custo.

Numa primeira fase, será necessário realizar uma pesquisa aprofundada sobre as questões referidas neste documento, como as causas para a perda de uma habitação, a importância de devolver alojamento privado a uma comunidade sem abrigo, as vantagens de construções modulares, entre outros. Afim de se adquirir um conhecimento total sobre as pessoas a que se destina a proposta, e perceber quais as causas para viver de forma precária e como solucionar uma carência de inclusão social, concluindo a desenvolver um abrigo de forma rápida, de custo baixo e confortável. Esta fase passa assim por uma recolha de informação em casos de estudo, nacionais, seleção e análise crítica de documentos e estudos numéricos realizados.

A segunda fase, pretende analisar os espaços de intervenção de modo a obter conhecimento da estrutura urbana dos lugares. Para a realização desta análise, serão realizados estudos *In Situ*, através de visitas aos terrenos.

Numa terceira fase da presente proposta objetiva-se desenvolver desenhos técnicos à escala urbana, procurando assim uma primeira abordagem ao projeto arquitetónico, encontrando volumetrias que correspondam ao espaço envolvente.

Numa quarta fase, propõe-se desenvolver o projeto à escala arquitetónica, tendo como referência os casos de estudo apresentados. Nesta fase pretende-se ainda definir os diferentes usos do espaço.

Por último, elaborar-se-á a proposta de acordo com o programa definido, a uma maior escala, com a finalidade de resolver questões apontadas no decorrer deste trabalho.

Todas as fases acima descritas serão acompanhadas de um documento escrito, que servirá de sustentação às opções de resolução que forem tomadas ao longo do projeto. Por fim será feita uma revisão de todos os elementos a levar para a apresentação final, concluindo todo este processo, e procurando responder da melhor forma às questões que foram expostas neste documento.

ESTRUTURA

Este relatório de projeto final de mestrado tem uma componente teórico-prática e, portanto, subdivide-se em duas partes. Numa primeira, o Estado do Conhecimento, assinalado no índice como os capítulos 1,2 e 3, desenvolvendo-se uma pequena pesquisa sobre temas como: a *habitação e a sociedade*, percebendo a importância da habitação na forma de viver e estar de uma comunidade, a *carência habitacional*, quais as causas deste facto e a importância em resolvê-lo e por fim, a *arquitetura modular portátil*, como uma forma fácil de construir e transportar um edifício. Na segunda, assinalado como capítulo 4, demonstrando como surge a ideia, através de pesquisas realizadas, casos de referência analisados e desenhos com o objetivo de compreender a *proposta de projeto*.

01 | HABITAÇÃO E SOCIEDADE

1.1 | IMPORTÂNCIA DO HABITAR

O habitar, sendo uma palavra que, deriva de “*habitare*”, o que significa – “*possuir repetidamente e com habitus*” - (ou seja com hábito). O habitar é por isso o uso de um lugar, adquirindo-o como íntimo e privado do *eu**, que reflete por isso todas as questões “*geofísicas, sociopolíticas e religiosas*” (Carvalho, R.²), definidas pela cultura e dimensão histórica de uma comunidade.

Desde as eras da pré-história, aos dias de hoje, o Homem procurou refúgios para se abrigar e proteger dos perigos e das intempéries³, desde sempre o ambiente construído era um elemento de proteção para o ser humano, uma vez que este é tão pequeno e frágil quando tenta combater com as forças da natureza (as águas, os ventos, o sol, os fogos,...)⁴. O ser humano tem todas as mesmas necessidades, sendo elas genuínas, pela sua natureza, ou artificiais⁵, as genuínas reportam para carências básicas de sobrevivência, ao contrário das artificiais que se submetem à padronização de necessidades, o que facilita o estudo do habitat na construção em massa⁶.

É importante que o habitat seja uma preocupação quanto à satisfação de um conjunto de necessidades humanas, tanto individuais como coletivas⁷, é importante também que haja uma procura vinculada na qualidade da habitação.

Quanto às necessidades pode ser um processo avaliado por dois parâmetros: a nível do *alojamento* – habitação, residência, fogo ou casa), ou a nível da *vizinhança*, sendo esta, toda a envolvente do lugar habitado, de carácter físico, social e funcional. Se se tratar a nível de *alojamento*, como refere

* *EU* = definição do elemento importante, o Homem.

² Carvalho, R. (2016). A cidade Social – Impasse. Desenvolvimento. Fragmento. “Etimologicamente, a palavra *habitar* – provém de *habitare* – termo relacionado com *habere* – que significa “possuir repetidamente e com *habitus*”, ou seja, com hábito.”; “O *habitat* é, por isso, o lugar que se habita e reflete o conjunto de condições geofísicas, sociopolíticas e religiosas.” p.13.

³ Oliveira, E., Galhano, F. e Pereira, B. (1969). Construções primitivas em Portugal. “Das maiores remotas eras da pré-história até aos nossos dias, por toda a parte, o homem procurou quaisquer refúgios para se proteger contra os rigores do clima e das intempéries, o frio, a neve, a chuva, o vento, o sol, as inundações, e contra o terror da noite e os ataques de animais ferozes e porventura gentes inimigas”. p.11.

⁴ DAVIS, I. (1980). Arquitectura de emergencia. “Desde los primeros días de su historia, la supervivencia del hombre ha dependido de las grandes fuerzas elementales, el agua, el viento, el sol, el fuego y la Tierra. Cada una de ellas constituye una fuerza vital para su existencia, e cada una de ellas a su vez, puede amenazar el débil dominio que tiene el hombre sobre la superficie del planeta”. p.17.

⁵ Cabrita, A. (1995). O Homem e a casa. “teoria das necessidades (...)” p.36.

⁶ Cabrita, A. (1995). “As situações padronizadas (por ex., o dormir) que se repetem correspondem a soluções físicas (por ex., a alcova e o seu espaço). O objectivo metodológico será então analisar a realidade em geral e a vida quotidiana em particular, para definir esses padrões e cedê-los à prática de projecto”. p.120.

⁷ Cabrita, A. (1995). “(...) o habitat , realiza-se pela satisfação de um conjunto de necessidades humanas, individuais e colectivas, (...)” p.12.

Cabrita, A. (1995)⁸, o habitar é bem conseguido quando transmite ao ser humano: segurança, privacidade (intimidade, independência, isolamento e valorização do espaço pessoal), “inserção cosmogônica” (retorno ao seu eu), relação entre o sujeito e o objeto (entre o habitar e a habitação), que o espaço demonstre uma imagem desejada pelo habitante, exprimindo por conseguinte, uma territorialidade do espaço adquirido, afirmando-se e apropriando-se do eu. Quanto a nível da vizinhança, com base nas crenças delimitadas pelo mesmo autor⁹, o habitar é obtido quando: acontece uma experiência de interações sociais entre o sujeito e o espaço, desempenhando atividades de vida quotidiana, consoante a sua cultura e costumes.

Quanto à qualidade da habitação, isto só é possível quando a relação com o meio e com o habitat é positiva¹⁰. “O Homem, o meio e as atividades formam um triângulo fundamental”¹¹ para a definição de qualidade de vida em todos os aspetos, por isso, no alojamento e na forma de habitar não seria diferente.

⁸ Cabrita, A. (1995). O Homem e a casa. pp.12-13.

⁹ Cabrita, A. (1995). pp.14-15.

¹⁰ Cabrita, A. (1995). “A definição de qualidade só é possível, e interessante, quando as pessoas têm uma relação positiva com o habitat, ou o meio”. p.40.

¹¹ Cabrita, A. (1995). p.61.

1.2 | IMPORTÂNCIA DA CULTURA DA SOCIEDADE NA HABITAÇÃO

Em Portugal na década de 70, a mulher era vista como dona de casa, e em alguns casos trabalhando mesmo em casa, no entanto com a história tudo foi mudando tendo a mulher um papel idêntico ao do homem nos dias que correm, havendo igualdade de direitos. Posto isto, a casa deixa de ser um lugar de trabalho, para se cingir a um lugar de intimidade familiar, opondo-se ao espaço exterior, público e coletivo, em suma a cultura gera-se de forma a que o espaço privado se separa definitivamente do espaço público, delimitando-se pelo quarteirão, a partir do séc. XIX (Carvalho, A. [2016]¹²).

A comodidade e o conforto, começam a fazer parte das noções de como pensar a casa. No interior da mesma são permitidas manifestações antagónicas: "a casa torna-se sentimental, imaginativa, variada, deleitosa, elegante, agradável, ligeira e pitoresca".¹³ Neste espaço é possível a construção do eu, ou seja, a construção da personalidade do Homem é feita maioritariamente em casa¹⁴.

O sujeito contemporâneo passa a ser individualista, com interesses e preocupações independentes. A sociedade diferencia-se portanto, pela sua personalidade, hábitos e consciência coletiva, delimitando grupos que surgem pelos estatutos e comportamentos sociais (Cabrita, A., 1995)¹⁵.

Concluindo, uma das características da cultura arquitetónica europeia, tendo em conta perturbadas questões sociopolíticas são as sistemáticas preocupações quanto à forma da cidade. A cultura doméstica é reflexo do conflito e transformação das relações entre a sociedade e o território e entre o ente individual e o coletivo.¹⁶

¹² Carvalho, R. (2016). A cidade Social – Impasse. Desenvolvimento. Fragmento. "A relação entre a habitação e o espaço público passa a ser medida pelo quarteirão, (...)" Op. Cit. p.20; "A casa deixa de ser onde se vive e trabalha, para se cingir ao lugar da família e da intimidade, por oposição ao carácter colectivo do espaço exterior que progressivamente se assumia como público". p.21.

¹³ Lobão Vital, A. (1948). A casa, o Homem e a Arquitetura. 1º Congresso Nacional de Arquitetura – Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso. p.205.

¹⁴ Cabrita, A. (1995). O Homem e a casa. "Construção do eu – o processo de construção da personalidade é feito, em grande parte, no quadro físico do habitat e, mais propriamente, no alojamento e tem em vista atingir os objectivos gerais já definidos". p.48.

¹⁵ Cabrita, A. (1995). "Uma determinada sociedade ou comunidade afirma-se por uma personalidade colectiva e rege certos comportamentos colectivos por uma consciência colectiva, podendo grupos sociais menores pautar-se por um estatuto social próprio". p.69.

¹⁶ Cabrita, A. (1995). "Uma das características da cultura arquitectónica europeia, comprometida com problemáticas sociopolíticas é o questionamento sistemático da forma da cidade. Com esta emerge a crítica da cultura doméstica, reflexo da aspiração a uma batalha mais ampla e abrangente de transformação das relações entre a sociedade e o território, entre o individual e o colectivo". p.43.

1.3 | CULTURA DA COMUNIDADE PORTUGUESA

Os povos nómadas, apesar de fruírem culturas distintas, de certa forma assemelham-se às condições em que vivem as pessoas sem abrigo pelo fato de não terem habitação fixa, querendo com isto dizer que ambos são comunidades habituadas à deslocação, valorizando os seus costumes e cultura da comunidade a que pertencem não tendo apego ao espaço onde pernoitam, onde permanecem por um curto espaço de tempo, sem se preocuparem com a integração na sociedade que os rodeia.

Este tipo de nomadismo mais conhecido, reverte para os povos em comunidades ciganas, beduínos, tuaregues, romanis e mongóis. E é este dinamismo, de viver em “não-lugares” que os leva à estabilidade, uma vez que a mobilidade para eles motiva a vida e as suas ações. São formas distintas de viver, pois estas comunidades nómadas não tendo uma habitação fixa, valorizam primariamente as suas tradições e culturas, ao contrário da sociedade portuguesa, que vive de forma fugaz, em que o dia a dia é trabalho-casa, privilegiando o seu lugar de refúgio, porque consegue descansar e ao mesmo tempo este espaço reflete a sua identidade. Em suma, vive sendo uma “sociedade flexível”, em que o tempo de permanência num espaço é reduzido, sendo quase como uma forma de nomadismo, porque facilmente muda de “abrigo”, consoante o lugar onde se insere o espaço de trabalho¹⁷.

Esta cultura contemporânea portuguesa remete para uma vida de falta de aproveitamento social, sem viver a experiência do espaço onde se insere, em que ao fim de um dia fechado num edifício (o seu local de trabalho) regressa ao seu espaço privado, fechado novamente num espaço construído, pois não tem mais sítio para onde ir repousar da agitação do exterior, onde todos vivem a correr entre a casa e o trabalho. Segundo Bedoya, F. (2004)¹⁸, o nomadismo é “viver um ciclo, morrer um pouco, passar de uma vida para outra, porque nos dirigimos para outro lugar”.

¹⁷ Cabrita, A. (1995). O Homem e a casa. “Modo de vida – O modo de vida familiar depende das características do correspondente microsistema social, com relevo para classes e as categorias sociais a que pertencem os seus principais membros (com destaque para o chefe de família), para as exigências da vida quotidiana, como a localização do alojamento face à dos empregos dos seus ocupantes e para o tipo de habitat (porex., bairros novos ou antigos)”. p.79.

¹⁸ BEDOYA, F. (2004). Habitat transitório y vivienda para emergências. “Transitoriedad por lo tanto, es vivir un ciclo, morir un poco, pasar de una vida a otra, o estar de paso, porque se dirige a otro lugar.” (tradução do autor). p.148.

Outrora, a sociedade portuguesa vivia em lugares por um longo período, resultando um apego excessivo ao espaço habitado, em que a possibilidade de perda do seu espaço identitário e íntimo (por questões de desastre ou perda por hipoteca) seja a causa de uma desestruturação entre o Homem e o espaço, ficando somente as memórias, resultando numa sociedade destabilizada e fragilizada, como refere Bedoya, F. (2004)¹⁹, *“quando se destrói o meio, as referências simbólicas perdem-se e adicionam-se os problemas sociais que derivam desta destruição”*. Percebendo assim que o ser humano na sua real essência é de hábitos, e que em caso de mudança acaba por se adaptar ao novo espaço, conformando-se com as advertências. Sem minimizar o problema, é importante que o novo espaço se aproxime o mais possível dos habituais costumes da comunidade que o habitará.

Com base nos argumentos de Davis, I. (1980)²⁰, a Cultura de uma sociedade, assim como os seus costumes, necessidades e o orçamento familiar, têm de ser o ponto de partida para uma boa intervenção quando se pensa em criar habitação. O que significa portanto, que quando se propõe um abrigo, seja ele de emergência, temporário ou definitivo, como afirma Gonçalves, A. (1997)²¹ deverá ter-se em conta a relação entre o Homem e o significado que este dá ao espaço, de forma a que este espaço, seja reflexo da identidade de quem vive nele, permitindo que a comunidade se estabilize o mais rápido possível no lugar. Ao pensar um espaço destinado a uma determinada pessoa, existe todo um processo de avaliação da memória social e cultural daquele lugar, sendo exemplo, o caso que decorreu em Portugal, no pós-revolução do 25 de Abril de 1974, existia a necessidade de realojar pessoas que viviam em condições precárias. Verificou-se portanto, a importância de conhecer essas mesmas pessoas e costumes para que as soluções apresentadas fossem facilmente aceites, uma vez estes factos conseguidos, foi possível a aquisição de uma habitação condigna, o direito ao lugar, tornando assim a sociedade mais

¹⁹ Bedoya, F. (2004). Habitat transitório y vivienda para emergências. “Cuando se destruye el medio, como cuando se presentan situaciones de desastre, las referencias simbólicas se pierden y se suman a los problemas sociales que de ello se derivan.”. (tradução do autor). p.152.

²⁰ Davis, I. (1980). Arquitectura de emergencia. “Primera, la gente construye sus casa em respuesta a sus necesidades cotidianas: sus ocupaciones, su riqueza, sus técnicas de construcción tradicionales y sus modelos culturales.”. p.22.

²¹ Gonçalves, A. (1997). Questões de Antropologia Social e Cultural. “[...] o essencial para este autor é que as instituições funcionem e satisfaçam as necessidades universais do homem”. Op. Cit. p.44; “Partindo da observação directa dos comportamentos dos indivíduos, tais como se elaboram em interacção com o grupo e o meio ambiente, procura compreender a natureza dos processos de aquisição e de transmissão duma cultura por parte dos indivíduos e analisar como a cultura informa, enforma e modela esses comportamentos”. p.56;

equilibrada quanto aos seus direitos de cidadãos. Este serviço prestado à comunidade deveria servir de exemplo para melhorar sempre as condições de um país, valorizando a sua população, identidade e cultura. Desta forma, pode-se prevenir a rejeição e os conflitos perante o espaço.

1.4 | NOÇÃO DE UM NOVO ESPAÇO HABITAR

A família do hoje está em constante evolução: demográfica, económica e psicologicamente (modos de vida, consoante o meio e inserção social, os seus recursos, necessidades e ambições)²².

Esta nova forma de viver impede a relação entre sujeito e objeto, como refere a teoria de Marc Augé²³, os espaços vividos denominam-se de *lugares* e uma vez que esta nova cultura vive sem experienciar o espaço, que como já referido, cria um bloqueio na relação entre o Homem e o espaço, não atribuindo um valor afetivo ao mesmo. Estamos conseqüentemente, perante uma sobrecarga tanto a nível de tempo como de espaço, segundo Augé, M. vive-se uma *supermodernidade*, que surge devido a uma drástica mudança na vida quotidiana - o deslocamento da população, uma vez que os transportes são cada vez mais rápidos e em paralelo, o aumento das cidades, que gera a falta de comunicação entre os cidadãos e o espaço, espaço esse que se reflete num *Não-Lugar* (espaço que não é vivido), resultando numa: *superabundância factual, superabundância espacial e individualização*²⁴. Esta avaliação feita por M. Augé quanto à supermodernidade é resposta a uma cultura moderna, a uma evolução demasiado rápida, a uma instabilidade financeira, que motivam a que a casa seja vista como um lugar indiferente, onde nos deslocamos por necessidade e nunca por afinidade.

A casa desde sempre funcionou como abrigo, tendo um domínio privado, limitado e protetor. No entanto com esta evolução, a casa passou a ser caracterizada como “...o nosso canto no mundo”, como uma zona de repouso e tranquilidade²⁴. Ainda que desta perspetiva a casa não perca o seu valor de proteção e individualidade, estas características não acompanham a evolução do Homem. Hoje os espaços habitacionais evoluem a nível construtivo, perdendo as suas características próprias e elementos únicos, dando origem a

²² Cabrita, A. (1995). O Homem e a Casa. “A família evolui no tempo segundo alguns vectores principais: demograficamente (número de elementos, idade); economicamente (primeiro com o aumento de disponibilidades globais e depois com os valores “per capita”); psicologicamente (mudança de atitudes em função da evolução do Meio, dos seus recursos, necessidades e ambições, da cognitiva adquirida sobre o quotidiano, etc.).”

²³ Augé, M. (1994). Não-lugares - Introdução a uma antropologia da supermodernidade; tradução de Maria Lúcia Pereira – Campinas, SP. “Se um lugar pode se definir como identitário relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar”. p.73.

²⁴ Bachelard, G. (1957). La poétique de l'espace. “Car la maison est notre coin du monde”; (tradução do autor) Op. Cit. p.32; “Parfois encore l'image prend sa force par l'effet d'un isomorphisme de tous les espaces du repos. Alors tous les creux accueillants sont des coquilles tranquilles”. p.151.

novas formas de habitar e novas tipologias. Facilitando a mobilidade rápida da sociedade.

Concluindo assim que a noção de “casa para a vida” desaparece, tal como a noção de habitação fixa. Vive-se a mudar de não-lugar em não-lugar. A casa ganha a forma de espaço de passagem, onde o tempo que nela se permanece é efémero. Como refere Bedoya, F. (2004)²⁵ “(...) transitoriedade não ocorre apenas quando existe uma situação de risco ou emergência e por isso, pode-se suspeitar que viver na transitoriedade, pode-se converter num estímulo”.

²⁵ Bedoya, F. (2004). Habitat transitório y vivienda para emergências. “Esta es una posible respuesta a los interrogantes planteados al comienzo de esta reflexión: la transitoriedad no se da únicamente cuando hay una situación de riesgo o emergencia y por eso, se puede sospechar que habitar en la transitoriedad, se puede convertir en un estímulo de la prospección.”. (tradução do autor), pp.150 – 151.

02 | CARÊNCIA HABITACIONAL

2.1 | SEM ABRIGO EM PORTUGAL

“A Cidade é uma realidade complexa e multifacetada” (Pereira, A e Silva, D., 1999²⁶). Uma dimensão em constante evolução e mudança, reflete ao cenário urbano uma multiplicidade de experiências na forma de viver, como também enaltece os problemas sociais do mundo contemporâneo, de uma sociedade individualista e sem tempo.

No mundo atual observa-se um desprezo enorme quanto ao fazer melhor, e ao pensar no elemento mais rico da cidade, o Homem, o cidadão, a comunidade. Hoje primeiramente está o lucro do turismo, a preocupação em fazer melhor para o sujeito que visita e a desvalorização do que é realmente nosso. Um dos reflexos mais evidentes desta despreocupação é a ausência de habitação, ou melhor dizendo, a impossibilidade de adquirir uma habitação. A cidade “torna-se, então, o único teto dos que perderam a capacidade de acesso a alguns dos mais elementares direitos de cidadania – o direito a habitação, ao trabalho, à vida em família, a autoestima e a dignidade humana. Este é apenas o fim de um processo em cadeia, o rosto visível da condição de vulnerabilidade e de fragilidade das cidades”²⁷. Por esse motivo a cidade e a evolução da mesma, conjuntamente com a da população, é simultaneamente bela e cruel.

Este problema não é seguramente fácil de resolver, é de facto importante o alojamento, no entanto só são pensadas soluções que somente abrangem uma parte mínima de quem precisa, o que faz com que estas soluções efémeras, podendo assim se chamar, percam rapidamente efeito por falta de acompanhamento a nível de interações que visavam o enquadramento e a reinserção social²⁸.

Em Portugal Continental, os valores apresentados de casos de pessoas sem abrigo são excessivos, segundo os dados

²⁶ Pereira, A. e Silva, D. (1999). Os sem-abrigo da cidade de Lisboa. “A cidade é uma realidade complexa e multifacetada. A dimensão metropolitana e o inerente reforço da centralidade trazem ao cenário urbano uma multiplicidade de vivências e de condições que refletem tanto as oportunidades como os grandes problemas do mundo contemporâneo”. p.1.

²⁷ Pereira, A. e Silva, D. (1999). Os sem-abrigo da cidade de Lisboa. p.1.

²⁸ Pereira, A. e Silva, D. (1999). “Este não é, seguramente um problema simples nem de resolução unilateral. As respostas de abrigo nocturno existentes são muito importantes, mas apenas aspectos pontuais, que perdem o seu efeito se não forem acompanhadas de um conjunto de inter-acções que visem o enquadramento e a reinserção”. p.2.

identificados pela ENIPSSA: existem “cerca de 3.500 Pessoas sem abrigo em Portugal Continental, das quais 1.443 Pessoas sem teto, (...) e 1.953 Pessoas sem casa, a viver em equipamento onde a pernoita é limitada”²⁹. Sendo que na área metropolitana de Lisboa, se encontram os valores mais altos de pessoas sem abrigo, cerca de 45% dos valores totais o que corresponde a 644 pessoas, dentro desta área destaca-se a cidade de Lisboa, sendo esta a capital “onde vive, convive e trabalha cerca de um quarto da população residente em Portugal, e um território onde confluem enormes potencialidades, mas também, por isso mesmo, com particulares fragilidades”³⁰ com 350 pessoas, seguindo-se de Almada e Oeiras, com 51 e 46 pessoas, respetivamente.

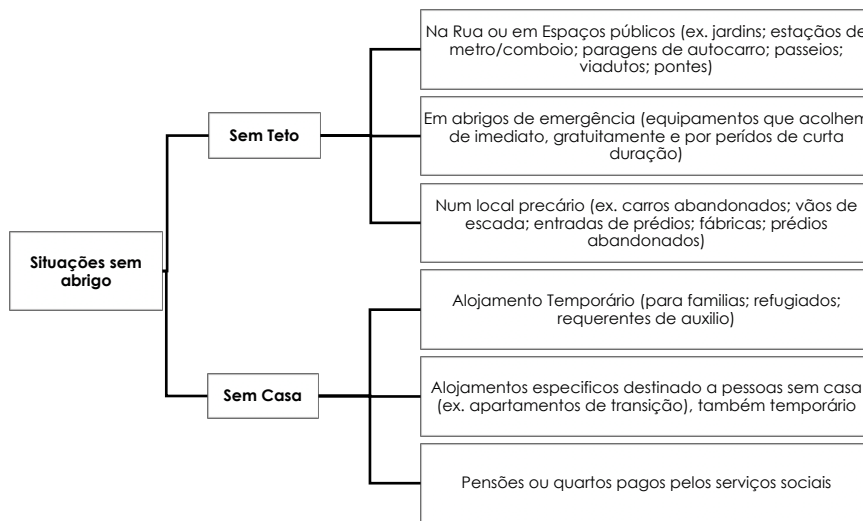


Fig. 4 - Organograma feito pelo autor com base nos dados ENIPSSA (Estratégia Nacional para a Integração das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo); 2017-2023 (p.10)

Entre estes casos de rua, permanecem indivíduos com problemas de saúde, como alcoolismo, toxicodependência, distúrbios mentais, deficiências físicas, tuberculose, HIV, hepatite B, entre outros tantos casos, sendo estes os mais comuns, infelizmente³¹. São portanto pessoas que estão sós, que por algum motivo, toda a vida foram isolados dos grupos sociais,

²⁹ Sapo (2019). “Opinião: Sem-abrigo em Portugal – A realidade dura dos números”. Redigido por Manuel Dias.

³⁰ Pereira, A. e Silva, D. (1999). Os sem-abrigo da cidade de Lisboa. p.1

³¹ Pereira, A. e Silva, D. (1999). Os sem-abrigo da cidade de Lisboa. “Na rua permanecem indivíduos com problemas de saúde vários e diferenciados. Alcoolismo, distúrbios mentais de natureza vária, deficiências físicas, toxicodependência, tuberculose, hepatite B e SIDA são algumas patologias referidas nos estudos analisados”. pp.17 –18.

fala-se “de indivíduos cujo período de socialização “primária” – desde a infância até à idade adulta – foi passado em contextos desfavorecidos, reveladores de carências várias, quer em termos de capital económico, como ao nível dos capitais simbólico, cultural e social”³².

Estes indivíduos são excluídos pela família, pelo emprego e pela comunidade, e como já referido anteriormente, os cidadãos são o património mais rico da cidade. E por isso, a resolução deste problema, a inferiorização destes valores estatísticos e percepção das causas para a existência deste problema, são pontos importantes para que a cidade viva de outra forma, renovando os valores de solidariedade e humanidade, que aos dias de hoje se esqueceu.

³² Pereira, A. e Silva, D. (1999). Os sem-abrigo da cidade de Lisboa. p.19.

2.2 | CAUSAS PARA A PERDA DE HABITAÇÃO

A urbanização demasiado rápida e desordenada, a procura do ser humano por um desenvolvimento fugaz, resulta numa perda de valores, afastando a relação entre o Homem e o espaço e a comunidade entre si. O ser humano esqueceu-se dele próprio, focado no saber, na procura de adquirir conhecimento. A "tendência globalizadora da economia e a aceleração da inovação tecnológica"³³ fazem com que o Homem seja formatado para que o despedimento seja um fator natural da atualidade, a máquina é portanto a dona da indústria, e assim os ricos ficam mais ricos e os pobres, mais pobres.

Segundo Pereira, A. e Silva, D. (1999) os sem abrigo são "indivíduos com baixos níveis de escolaridade, cuja relação com o trabalho oscila entre o desemprego e o emprego temporário ou pontual"³⁴. Muitos dos que se encontram deambulando nas ruas da capital, são sujeitos cujo passado é marcado de vivências em instituições várias, desde prisionais, hospitais psiquiátricos, apoio à vítima, entre outros³⁵.

Não se trata apenas de fatores económicos, existem inúmeras questões que levam as pessoas a cair para a rua, como "itinerários escolares de insucesso, acrescidos de vivências em contextos familiares conturbados"³⁶ (uma degradação dos laços familiares), estas pessoas para além de se encontrarem numa situação infeliz, trazem consigo experiências traumáticas que os acompanharão sempre. O real problema não está na falta de alojamento, mas na falha emocional que têm.

³³ Pereira, A. e Silva, D. (1999). Os sem-abrigo da cidade de Lisboa. "Por outro lado, a tendência globalizadora da economia e a aceleração da inovação tecnológica fazem da experiência do despedimento algo comum no espectro profissional (Giddens, 1997). p.10.

³⁴ Pereira, A. e Silva, D. (1999). p.17.

³⁵ Pereira, A. e Silva, D. (1999). "Muitos sem-abrigo que deambulam pela cidade de Lisboa são indivíduos cujo passado é marcado pela vivência em instituições várias. Estas vão desde os estabelecimentos prisionais, até aos hospitais psiquiátricos, internatos, etc." p.17.

³⁶ Pereira, A. e Silva, D. (1999). Os sem-abrigo da cidade de Lisboa. "Sem pretender escamotear a heterogeneidade de trajetórias e experiências que esta temática encerra, tais *situações críticas* conferem maior vulnerabilidade àqueles indivíduos que têm atrás de si itinerários escolares de insucesso, acrescidos de vivências em contextos familiares conturbados. Vivências que na prática, se traduzem muitas vezes em degradação dos laços familiares e na impossibilidade de visualizar a família como *almofada* protectora, fundamental em momentos menos bons." pp.13 – 14.

³⁶ ENIPSSA (2017-2023). Inquéritos aos conceitos utilizados e aos sistemas locais de informação – 2018. pp.10 – 11.

Estas situações de pessoas sem abrigo, são situações que devem ser resolvidas, no entanto existem pessoas em risco habitacional, com base nos dados da ENIPSSA, identificando-se mais de 11.000 pessoas. São estas: pessoas que vivem em abrigos de apoio à vítima de violência doméstica; pessoas a viver em instituições de saúde, ou outras, uma vez que a estadia se prolonga devido à ausência de resposta habitacional; pessoas a viver em estabelecimentos prisionais, sem enquadramento habitacional exterior ou em risco de o perder; pessoas a viver em habitações não convencionais, como caravanas ou estruturas provisórias, como alternativa à falta de alojamento; pessoas a viver com familiares ou amigos, como situação de recurso, para atenuar os custos da habitação; pessoas em situação habitacional insegura, após aviso de despejo³⁷.

Ficar sem abrigo, não é uma situação que acontece por acaso. Decorre antes um conjunto de experiências, acontecimentos ou trajetórias que fragilizam o indivíduo, estando por conseguinte sujeitos a apoios institucionais que desencadeiam uma rutura e revolta com a vida e com o espaço e marginalização social³⁸. Começando assim todo um processo de desintegração, solidão e pobreza.

³⁸ Pereira, A. e Silva, D. (1999). Os sem-abrigo da cidade de Lisboa. "Ficar sem-abrigo não é algo que acontece por acaso. Decorre antes de um conjunto de experiências, acontecimentos e trajetórias que conferem fragilidade, provocam dependências institucionais (e não só...) e desembocam em processos de ruptura e marginalização social". p.19.

2.3 | AS DIFICULDADES DE ENCONTRAR ALOJAMENTO EM LISBOA

Nos últimos tempos Lisboa tem sido alvo de imensas críticas, confirmando a dificuldade de morar na capital, o problema começou no centro histórico e nos dias de hoje é geral, alastrou-se por toda a cidade e periferia.

A importância dada ao turismo em Lisboa, tem gerado transformações significativas na vida de quem a habita. O brutal aumento dos valores da habitação, não acompanham os rendimentos sociais do país, o que faz com que grande parte da população portuguesa residente na capital é forçada a deslocar-se para bairros periféricos. Segundo uma pesquisa, “As zonas mais centrais da cidade parecem estar a tornar-se morada exclusiva dos mais ricos e de habitantes temporários”³⁹. O centro da cidade está a tornar-se num lugar vazio quanto a habitantes permanentes, “com moradores a serem pressionados a saírem das suas casas, contratos a não serem renovados ou subidas de rendas impossíveis de pagar”⁴⁰. É certo que a cidade sempre teve diversos grupos sociais, e sempre foi um lugar de alguma curiosidade para turistas, pelo clima, pela simpatia e pela arquitetura, no entanto, ao longo dos anos tem se caminhado em direção para um modelo de hoje, um modelo errado, de uma cidade como um espaço exclusivo para turistas ou para os muito ricos.

É importante o direito a morar dignamente, mas também o direito à cidade, e por isso é preocupante o afastamento dos portugueses da cidade que a eles pertence. São preocupantes os benefícios dados a turistas, expressos na legislação atual, o governo continua a sublinhar os “benefícios trazidos pela indústria do turismo, o seu papel na dinamização do mercado imobiliário, no investimento em reabilitação urbana, na geração de emprego e no impulsionar da economia”, esquecendo os cidadãos portugueses, ignorando-os, com base na opinião do grupo de cidadãos anónimos *Morar em Lisboa*, “os efeitos colaterais e a responsabilidade na gestão dos interesses da cidade dos habitantes”⁴¹.

³⁹ Morar em Lisboa (2016). “Quem vai poder morar em Lisboa?” Da gentrificação e do turismo à subida no preço da habitação: causas, consequências e proposta.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Morar em Lisboa (2016). “Quem vai poder morar em Lisboa?” Da gentrificação e do turismo à subida no preço da habitação: causas, consequências e proposta.

“A cidade é feita de muitas coisas, mas nunca pode ser feita maioritariamente por turistas”

(Grupo: Morar em Lisboa; 2016)

2.4 | BAIROS SOCIAIS

Muitos dos bairros sociais existentes, surgiram da necessidade de albergar uma comunidade sem alojamento digno (barracas), após uma catástrofe natural, ou pela urgência de ocupação do solo. Quem habita nestes bairros, em condições desfavoráveis é uma comunidade, cujos seus rendimentos são baixos, impossibilitando aceder ao mercado de alojamento, seja para arrendamento ou compra⁴².

Os bairros sociais dividem-se em vários percursos familiares que se traduzem nas vontades das famílias que nela habitam, havendo portanto:

“os que saem (famílias que preparam economicamente a sua saída do bairro, autonomamente), os que permanecem (famílias que não conseguem romper o ciclo de pobreza, porque acumulam diversas problemáticas, como por exemplo: a monoparentalidade, deficiência, o desemprego, imigração, e outras) e os que passam (famílias que por contingências diversas se fixam durante algum tempo num bairro degradado, onde o mercado de aluguer é mais acessível e flexível e que saem logo que ultrapassam as condições que determinam esta opção; famílias que por iguais motivos se instalam numa barraca, mas que para sair precisam de estímulos externos e que solicitam apoios institucionais)”⁴³.

À semelhança com as pessoas sem abrigo, e pouco aprofundando este tema, uma vez que não é o ponto chave desta tese. A população que se sujeita a estas habitações é igualmente excluída da comunidade, uma vez que uma situação de carência, não está somente associada a posses financeiras, como também a outras características de pobreza: no ensino e na saúde. Sendo uma comunidade excluída no

⁴² Cardoso, A. (1993). A outra face da cidade – Pobreza em bairros degradados de Lisboa. “Com efeito, o mero facto de habitar em áreas onde não existem infra-estruturas mínimas, e em habitações rudimentares desprovidas de conforto denota, de alguma forma, uma situação de precaridade económica e a impossibilidade de aceder ao mercado de alojamento, seja o arrendamento, seja a compra de casa própria através de empréstimos bancários”. p.70.

⁴³ CMAmadora. “Breve contextualização do realojamento na Amadora”. pp.1 – 2.

trabalho, exercem cargos que mais ninguém procura; excluída na sociedade, acabam por se isolar no ambiente do bairro diferenciando os grupos sociais, existindo as pessoas do bairro, e as pessoas fora do bairro. Devido a este desagrado, por uma revolta de desfavorecimento perante o resto da cidade, tal como nos casos de rua, esta comunidade adquire um nível real de marginalização⁴⁴.

⁴⁴ Cardoso, A. (1993). A outra face da cidade – Pobreza em bairros degradados de Lisboa. "Importa, ainda, não esquecer que uma situação de carência anda normalmente associada a outras características do empobrecimento: o baixo nível de rendimento e de despesa; o reduzido grau de instrução; precaridade do nível de saúde; posição insatisfatória na actividade económica e a impossibilidade de aceder ao mercado de trabalho; alta propensão à não participação social; real marginalização e exclusão social". p.70.

03 | ARQUITETURA MODULAR PORTÁTIL

“Arquiteturas que flutuam, voam, rodam, crescem e encolhem, aparecem e desaparecem na cidade. Passam a formar parte da paisagem, do território, da rede; são invisíveis mas reconhecidas e identificáveis, geram processos imprevisíveis e espontâneos; interferem em diferentes níveis na realidade, investigam a cidade e o seu presente, ocupando-a, invadindo-a, relendo-a, invertendo-a”

(Pilar Echavaria, M. (2008). p.10)

3.1 | ARQUITETURA MODULAR

A Arquitetura Modular surge do interesse de executar projetos que respondam aos costumes e contexto social de quem habita, consoante a sua noção de cultura e conforto com a vantagem de possibilitar orçamentos de baixo custo, flexibilidade e facilidade de construção, como refere Rubantino, F.⁴⁵. Tendo como principal característica a diversidade, cada espaço pode ser diferente consoante as necessidades. *“A modularidade em uso permite que os consumidores misturem e combinem elementos para criar um produto final que atenda aos seus gostos e necessidades”* (Baldwin, C. e Clark, K.B, 1997)⁴⁶. A habitação tem de ser reflexo de quem a habita, e por isso o resultado desta construção modular é um resultado da junção da comunidade a que se destina e do método de construção, em suma, como afirma Habraken, N.J. (1979)⁴⁷, o Homem quer se reconhecer e ser reconhecido no seu espaço privado, por isso, determina toda a decoração consoante os seu gostos, demonstrando a sua cultura, as suas ideias e o modo de vida.

⁴⁵ Rubantino, F. Arquitetura Modular. *“À arquitetura modular estão associados os conceitos de adaptabilidade e leveza, alinhando-se ao cenário do novo milênio: uma necessidade evidente de executar projetos que respondam aos contextos sociais com espaços mínimos, orçamentos enxutos, ambientes colaborativos e também realizações em zonas afastadas dos centros urbanos. Uma espécie de retorno à natureza, um tipo de novo escapismo”*. URL: <<http://www.rubatinoarquitetura.com.br/2017/02/20/arquitetura-modular/>>.

⁴⁶ Baldwin, C. e Clark, K.B, (1997). Managing in an Age of Modularity. *“Modularity in use allows consumers to mix and match elements to come up with a final product that suits their tastes and needs.”* (tradução do autor). URL: <<https://hbr.org/1997/09/managing-in-an-age-of-modularity>>.

⁴⁷ Habraken, N.J. (1979). El diseño de soportes. *“la vivienda es resultado de ambos, la comunidad y el individuo jugando cada uno su parte”*. Op. Cit. p.18; *“la gente quiere reconocerse a si misma y ser reconocida. Esta necesidad determina la elección de vestidos, muebles, coche y otras posesiones.”* p.35; *“la necesidad de identificación por si sola estimula algunas alteraciones, pero, además, estilos de vida cambiantes, causados por contactos con otras culturas, nuevas ideas acerca del ser humano y sociedad y la disponibilidad de nuevas tecnologías darán también como resultado nuevas adaptaciones”* p.35.

3.2 | ARQUITETURA PORTÁTIL

Este tipo de construção devido à sua versatilidade tem interesse a sua flexibilidade, sendo transportável uma vez que é desmontável ou por adquirir um carácter veicular. A arquitetura portátil, parte das noções das construções primitivas, pensando na forma de construir abrigo com o que se tinha disponível no local, sendo portanto, uma construção executada com materiais ligeiros como têxteis ou ramos e peles, alusivos ao tempo pré-histórico⁴⁸, segundo a análise de Kronenburg, R. (2003)⁴⁹ a arquitetura portátil, como vertente de arquitetura modular "consiste em estruturas que têm como objetivo ser de fácil execução ou fabricação".

Esta forma de fazer arquitetura abrange uma área extensa de população, proporcionando diversas experiências em diversos espaços, ou seja, pegando na analogia da tenda de campismo - *quando vou acampar, coloco a tenda onde me sinto melhor e mais protegido, no entanto não modifico o lugar, simplesmente o uso por um curto espaço de tempo, amolgando as ervas, que quando me vou embora retomam a sua forma inicial* - vendo como uma construção que usa o espaço temporariamente sem o danificar, este tipo de arquitetura, segundo Rubantino, F.¹ permite "*uma espécie de retorno à natureza, um tipo de novo escapismo*". Mesmo não sendo uma forma invasiva de pensar o espaço urbano, estes elementos construídos pensam no espaço, dando novos limites e percursos, como afirma Pilar Echavarría, M. (2008)⁵⁰: "A Arquitetura Portátil localiza-se e deixa de se localizar, transformando os lugares; alterando constantemente a cidade e a paisagem, os seus limites, os seus labirintos".

Segundo Habraken, N.J. (1979)⁵¹, a forma de projetar surge de uma estrutura independente pensada para se adaptar a

⁴⁸ Pilar Echavarría, M. (2008). Arquitetura Portátil, envolventes imprevisíveis. "Estruturas fáceis de transportar, flexíveis, de um só espaço, de materiais levanos e resistentes: a tecnologia da construção coincide assim com a do transporte."; "os seus materiais são tão ligeiros como os têxteis, os ramos e as peles". p.17.

⁴⁹ Kronenburg, R. (2003). Portable Architecture. "Portable architecture consist of structures that are intended for easy erection on site remote from their manufacture" (tradução do autor). p.1.

⁵⁰ Pilar Echavarría, M. (2008). Arquitetura Portátil, envolventes imprevisíveis. p.29.

⁵¹ Habraken, N.J. (1979). El diseño de soportes. "La primera justificación para una vivienda flexible normalmente es el cambio em la composición de la familia". p.36;

margem; e a posição III, um espaço que começa e acaba na mesma margem.

Toda a construção que permita execução, alteração ou demolição independente do resto da estrutura, é arquitetura com base na teoria de suportes de Habraken.

Concluindo, pela rapidez na montagem a arquitetura modular é uma boa solução para situações de emergência, "impulsionando o desenvolvimento de outras técnicas, reduzindo o foco no desenho estético, mas gerando engenhosos desenhos, novos materiais, estruturas leves e de fácil montagem, casas económicas e temporais, estruturas insufláveis: é a construção da reação mais precisa entre forma e vida"⁵², como exemplo, casos de realojamentos, por questões diversas ou para uso em estruturas militares e campos de refugiados, permitindo a rápida reconstrução ou construção de alojamentos e restabelecimento da segurança social.

Este tipo de arquitetura não é um modelo atual, e por isso é importante estudar todas as formas de pensar arquitetura modular, desde o arquiteto Le Corbusier aos métodos usados pelos arquitetos japoneses, como referido por Ferreira, M. S.; Bregatto, P. R.; D'ávila, M. R.⁵³ A casa japonesa sempre foi desde sempre um símbolo exemplar de arquitetura, uma vez, que devido às catástrofes naturais frequentes no país, trata-se de uma construção pensada para estas causas naturais, com uma estrutura ligeira de madeira e blocos de cimento com apoios deslizantes⁵⁴.

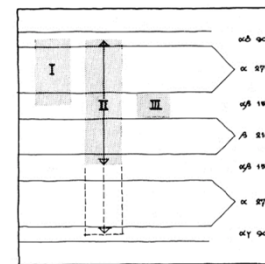


Fig. 8 - Habraken, N.J. (1979). El diseño de soportes. Posições

⁵² Pilar Echavarría, M. (2008). *Arquitectura Portátil, envolventes imprevisíveis*. p.19.

⁵³ Ferreira, M. S.; Bregatto, P. R.; D'ávila, M. R. *Coordenação Modular e Arquitetura: Tecnologia, Inovação e Sustentabilidade*. "O módulo dos clássicos era certamente um módulo-forma, enquanto o Modular de Le Corbusier (1976), pode ser considerado como módulo-função. As séries de módulos, adotados pelos romanos, revelam características de módulo-objeto. Dentre as aplicações mais antigas o Ken, módulo japonês, derivado do tatami, representa também um raro exemplo de módulo-objeto". p.4.

⁵⁴ Davis, I. (1980). *Arquitectura de emergencia*. "La casa tradicional japonesa siempre se há citado como ejemplo de construcción a prueba de terremotos. No contamos con pruebas evidentes sobre este punto, pero es probable que la ligera estructura de madera de la casa japonesa tradicional se haya desarrollado para resistir a las fuerzas de los terremotos. Además, em algunas de estas estructuras se encuentran los ingeniosos "cimientos com apoyo deslizante", que pueden haberse originando como medida de precaución". p.27.

04 | PROPOSTA PROJETO

4.1 | REFERÊNCIAS DE PROJETO

Para a realização da proposta é importante o apoio de algumas referências, essas que foram analisadas e estudadas afim de contribuírem na forma de pensar este projeto apresentado.

Destes três projetos que se seguem: a Casa em Caminha do arquiteto Sérgio Fernandez, a casa Dom-ino, do arquiteto Le Corbusier e o edifício Narkomfim do arquiteto Moisei Ginzburg, todos eles contribuem de forma diferente nesta ideia - no interior, na construção e no núcleo habitacional, respetivamente, querendo com isto dizer que no projeto da Casa em Caminha, destaca-se a informalidade como são tratados os espaços domésticos, partilhados pelo grupo de ocupantes, as alcovas minimalistas, definidas pelo espaço do colchão elevado por uma estrutura de madeira, delimitando o espaço de dormida do espaço de passagem e a ambivalência deste espaço de uma casa de férias; no projeto da Casa Dom-ino enfatiza-se o sistema construtivo e estrutural modular e elementar, com o objetivo de se tornar fácil na construção em série; por fim, no projeto Narkomfim ressaí a articulação de alojamentos mínimos e as atividades que em habitação convencional são privadas, neste projeto tornam-se coletivizadas e comunitárias, como é o caso das cozinhas, casas de banho e salas de estar. Todos estes fatores destacados são refletidos no projeto apresentado nesta tese.

4.1.1. CASA EM CAMINHA – SERGIO FERNANDEZ



Fig. 9 - Casa de Caminha (interior); Fonte: álbum fotográfico de Inês Dorey

O projeto de habitação, **Casa em Caminha**, do arquiteto **Sérgio Fernandez**, que surge entre os anos 1971 e 1973, construída de forma contundente, contrastando com a leveza da paisagem envolvente. Propõe um uso do espaço habitar não convencional, tornando-se não obstante, acolhedora e confortável.

Foi um projeto que se vinculou pelas características do terreno. Pelo seu declive, a sala está a uma cota mais baixa que a cozinha, deixando por sua vez todo um espaço aberto, proporcionando uma ligação não evidente entre as duas divisões. No entanto, a cozinha foi pensada para ser um espaço amplo que funcionasse não só como espaço de confeção de alimentos, como num espaço de convívio, e por essa mesma razão a mesa foi pensada e desenhada para aquele espaço, daquela determinada forma, sendo esta casa usada pelo próprio arquiteto, ele por sua vez avalia que a mesa funciona exatamente como foi pensada, mas um ponto negativo, a cozinha tem dimensões excessivas, uma vez que se vê demasiado no espaço, e apesar de não a querer esconder, ela acaba por se evidenciar perante o resto da habitação.

Pretende que os espaço de dormir seja definido pelas dimensões dos colchões, proporcionando uma galeria que serve as alcovas numa zona semipública, o que proporciona aos quartos uma contemplação da paisagem, que devido a sua audácia era impossível não ser um ponto de partida nesta proposta.

Foi uma casa pensada para um uso maioritário em época de férias, no entanto, apesar de se viver bem neste espaço tanto de inverno como verão é uma casa que apresenta as suas condicionantes, quando a permanência de vida neste espaço, devido ao seu carácter simplista. Quem usa este espaço tem de ter laços muito fortes, tem de haver alguma intimidade na família

que o habita, uma vez que os espaços são todos abertos, tanto nas zonas públicas como privadas, mas citando o Arquiteto Sérgio Fernandez: "A vida tem de ser intensa e simultaneamente muito simples".

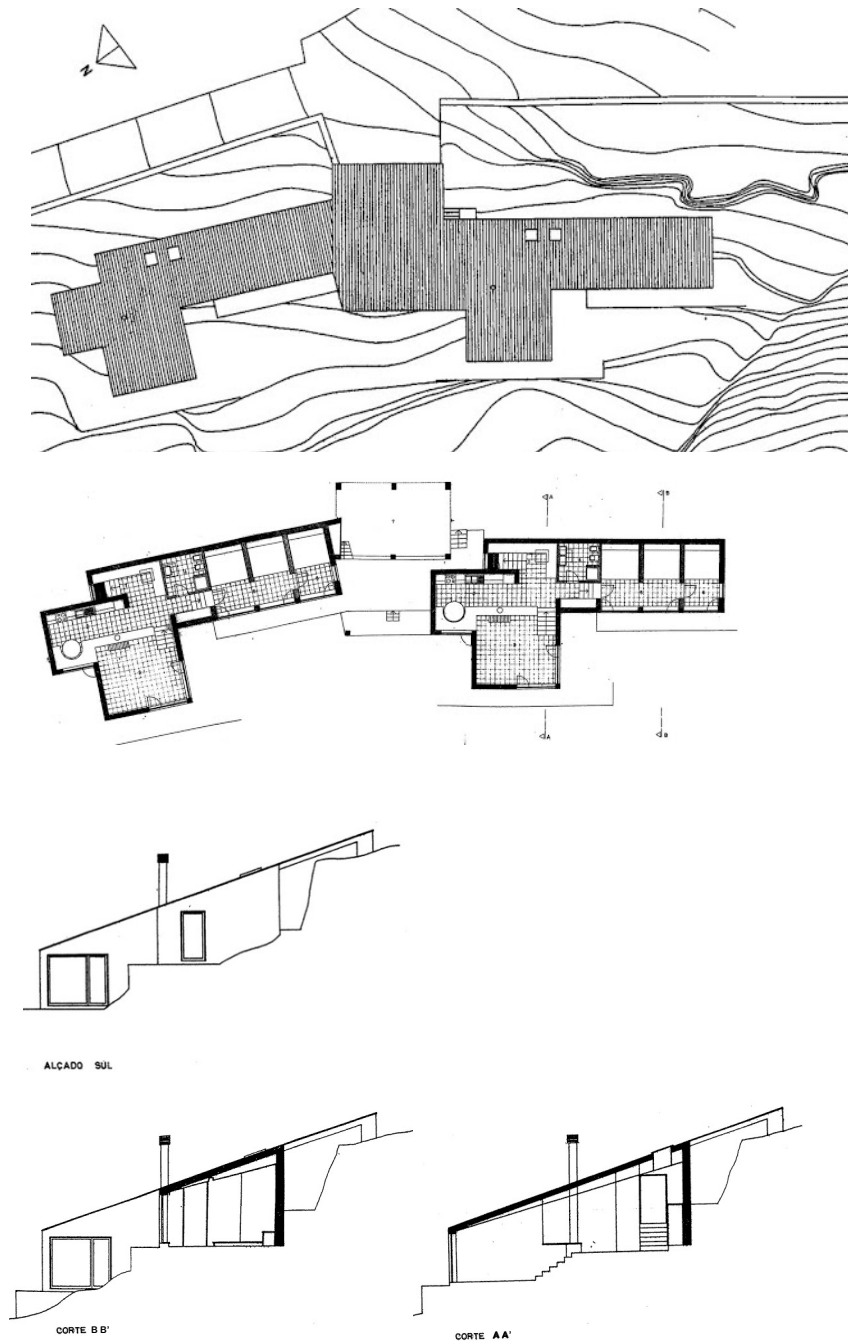


Fig. 10 - Desenhos técnicos (retirado de "SIMPLY ARCHITECTURE"). S/ esc.

4.1.2. DOM-INO – LE CORBUSIER

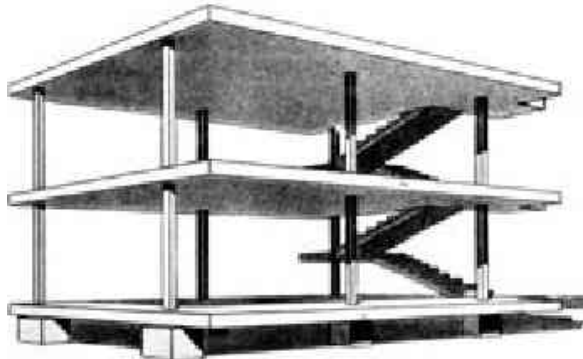


Fig. 11 - Le Corbusier: Sistema Dom-ino, 1914. Prespetiva do sistema (Le corbusier, 1914). S/ esc.

A casa **Dom-ino** - nome que evoca *Domus* (casa em latim) e o jogo de dominó (pela peça retangular marcada por seis pilares) - foi um sistema construtivo divulgado por **Le Corbusier** entre 1914 e 1915, que consiste num módulo constituído por elementos estruturais em betão armado: três lajes nervuradas interligados através de uma escada de quatro lances, seis blocos de fundação e seis pilares.

Trata-se de um sistema que pretende possibilitar a construção rápida e ao mesmo tempo resistente. Com pilares de seção quadrangular medindo 15cm, distanciados em 4,20m entre eixos, lajes de espessura de 30cm a planta mede 10,80m x 6,60m, sendo a altura entre pisos de 2,70m, totalizando a altura do módulo em 6,30m (fig.12).

Ao analisar este caso de referência percebe-se o conteúdo social e económico desta ideia, visando a otimização da construção através da pré-fabricação e padronização dos elementos construtivos. A casa Dom-ino ressalta importantes fatores construtivos, pela simplicidade e adaptabilidade da estrutura a diferentes tipos de configurações de planta e pela possibilidade de controlo total do arquiteto sobre o espaço interior.

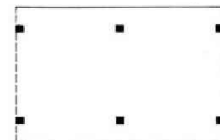


Fig. 12 - Planta baixa do sistema (Frampton, 1979). S/ esc.

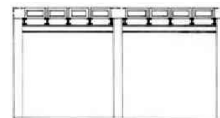


Fig. 13- Corte demonstrativo do sistema (Frampton, 1979). S/ esc.

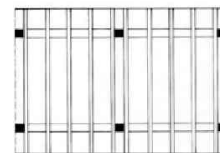


Fig. 14 - Planta baixa com os pilares do sistema (Frampton, 1979). S/ esc.

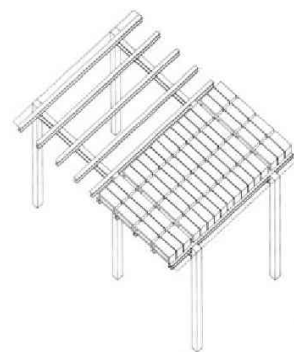


Fig. 15 - Perspetiva axonométrica demonstrando a montagem das lajes (Frampton, 1979). S/ esc.

4.1.3. NARKOMFIM – MOISEI GINZBURG



Fig. 16 - Edifício Habitacional Narkomfim (retirado de InRussia)

Este edifício, foi um projeto experimental de habitação coletiva adaptada aos ideais socialistas da União Soviética, procurando criar um modelo padrão. Um dos principais objetivos era o aproveitamento do espaço, e por isso, tornar as áreas auxiliares dos alojamentos mínimos espaços partilhados, em suma, as cozinhas, casas de banho, salas de estar deixam de ser uma parte privada da habitação, passando a ser áreas coletivas.

Neste projeto, cuja intenção seria dar eficiência aos espaços criados, são demonstradas duas tipologias - “*tipo F*” e “*tipo K*”. Sendo a primeira, um apartamento sem cozinha (somente um espaço para as maiores necessidades, na confeção rápida de alimentos) nem instalações sanitárias, estas substituídas por espaços comuns, situados num outro espaço do bloco habitacional. E a segunda, um apartamento que já possuía uma pequena cozinha, permitindo que a família que use o espaço se habitue a uma vida coletiva, conservando a sua privacidade. Em ambos os casos o acesso é feito por galerias em pisos intermédios, promovendo alguma privacidade, aos espaços orientados para esta zona de passagem.



Fig. 17 - Plantas tipologias F e K (retirado de SOCKS).
S/ esc.

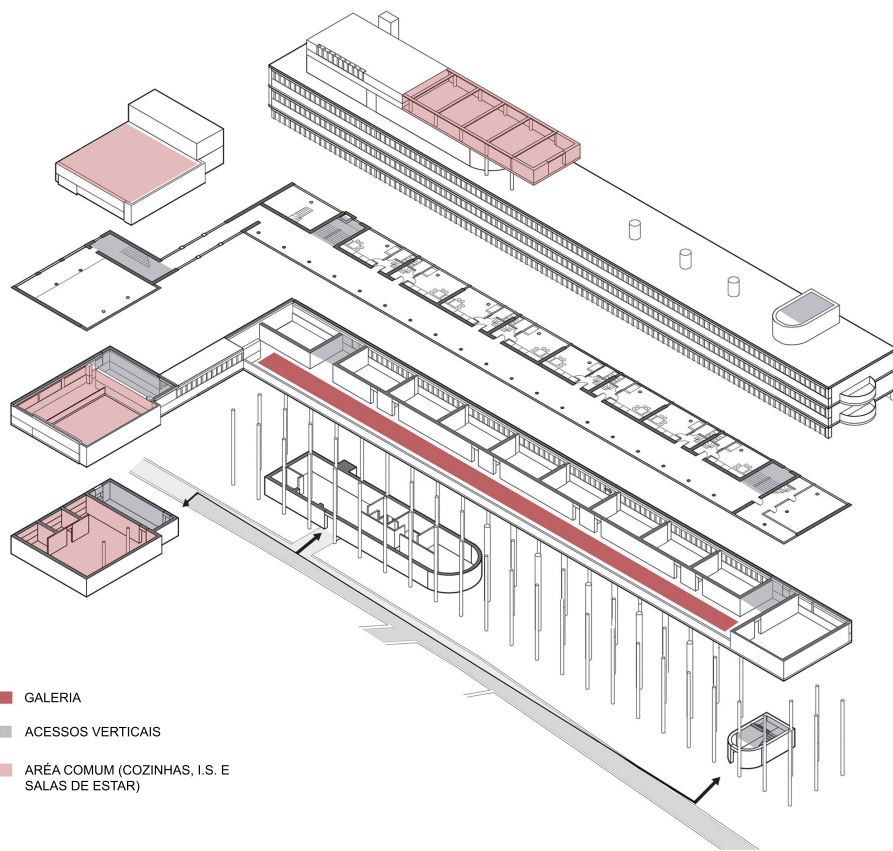


Fig. 18 - Desenhos explicativos de Wieber, M. (retirado de Archinet). S/ esc.

4.2 | PERMISSAS DE PARTIDA



Fig. 19 – Estacionamento Olaias.
(fotografias do autor)



Fig. 20 – Estacionamento Saldanha.
(fotografias do autor)



Fig. 21 – Estacionamento Campo Pequeno.
(fotografias do autor)

A proposta surge do interesse de dar resposta a uma comunidade desalojada, um problema banalizado por uma sociedade individualista. É importante começar a pensar na arquitetura com a sua real função - servir o Homem; unindo isso a quem realmente precisa. Centralizando o problema na capital, a cidade de Lisboa tem pelas suas ruas centenas de pessoas à procura de abrigo.

Todo o ser humano necessita de abrigo uma vez que não resiste às diferenças meteorológicas. O corpo não vive saudável em condições precárias e por isso é importante o direito comum à habitação.

Surge portanto a ideia do uso de espaços vazios em Lisboa (antigos lotes de habitação que perderam a sua função, sendo agora usados como estacionamento) para a construção de um edifício habitacional, não convencional partindo de formas modulares. Pretendendo que seja um projeto de execução fácil e rápida, e que paralelamente seja uma construção que possa ser desmontada e colocada noutra espaço.

Tendo como premissa de partida a *tenda*, requerendo o uso reversível e pouco invasivo do espaço, devolvendo por completo a sua forma inicial, em que o edifício construído seja somente restrito ao essencial à vida humana: um espaço de descanso, de confeção de alimentos, de higiene e uma zona de arrumos. Este espaço não tem como objetivo seguir a linha da casa comum e por isso preocupa-se somente com as noções básicas de conforto.

A proposta divide-se em três zoneamentos: *privado* (dormitórios e arrumos) módulos habitacionais destinados a uma ou mais famílias, *semiprivado* (refeitórios, balneários e lavandarias), como espaços de apoio aos habitantes do espaço e *público*, sendo todo o espaço urbano delineado pela estrutura e por urbanidades elementares.

4.2.1. CONTEXTO E ENQUADRAMENTO

O presente relatório de projeto final de mestrado propõe um estudo de alojamento temporário para pessoas sem abrigo ou em risco de perderem habitação, tendo como interesse de estudo a cidade de Lisboa.

Para a demonstração de uma proposta que se pretende implementar em circunstâncias urbanas diversas, justamente à semelhança da *tenda*, demonstrando a sua facilidade de adaptação a diferentes espaços urbanos, foram escolhidos três terrenos distintos que têm somente em comum o facto de estarem em desuso: o estacionamento das Olaias – Rua Luís Monteiro – sendo este bastante amplo com algum desnível, o estacionamento do Campo Pequeno – Avenida Sacadura Cabral – por sua vez amplo, no entanto permanece todo ele à mesma cota altimétrica e o estacionamento de Picoas – Rua Pedro Nunes – com dimensões bastante inferiores aos outros dois e escondido entre dois prédios habitacionais, ligando a Rua Pedro Nunes a outra paralela, Rua Filipe Folque.

Esta ideia tem como objetivo ser um ponto de partida para a reflexão quanto a problemas sociais e ao uso de vários terrenos devolutos na capital portuguesa. Esta proposta demonstra as possibilidades de três terrenos, semelhantes a tantos outros espalhados pela cidade de Lisboa e não só, disponíveis para que este tipo de construção possa ser implementada.



Fig. 22 - Estacionamento Campo Pequeno (Av. Sacadura Cabral). S/ esc.



Fig. 23 - Estacionamento Olaias. (R. Luís Monteiro). S/ esc.



Fig. 24 - Estacionamento Picoas. (R. Pedro Nunes – R. Filipe Folque). S/ esc.

4.3 | MÓDULO

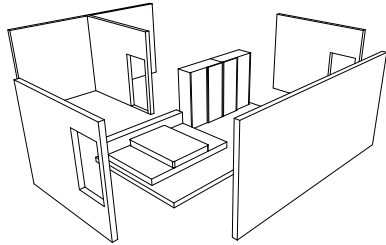


Fig. 25 - Axonometria explodida do módulo (Tipologia A). S/ esc.

O módulo foi estudado de forma a criar um ambiente interior de carácter simples, que cumpre somente com as noções mínimas essenciais à vida humana. Tratando-se se um espaço íntimo e privado, tem como objetivo promover o conforto ao utilizador.

Parte de uma medida modular (3,20mx6,40m) podendo ser agregado a outros módulos, possibilitando a criação de diversas tipologias consoante as necessidades da comunidade (fig.20).

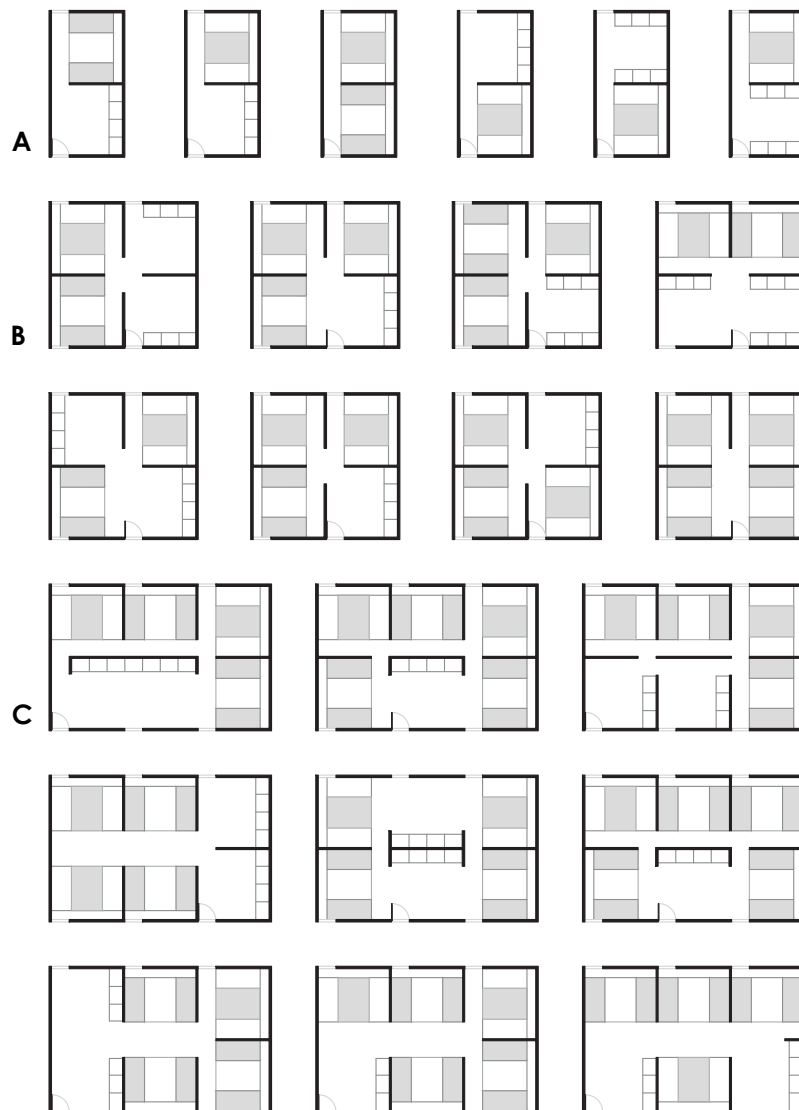


Fig. 26 - Tipologias A,B e C; Possibilidades de agrupar os módulo. S/ esc.

4.4 | AGREGAÇÃO

A agregação difere consoante o terreno onde se insere, como demonstrado nas três possibilidades urbanas estudadas neste projeto final (fig.22), surgindo de uma análise da envolvente criando um edificado em coerência com o lugar onde se insere. Trata-se de um estrutura ortogonal para um fácil estudo do desenho urbano, não só dando uma nova vida a quem usa o edifício, como a quem percorre o terreno. A cultura portuguesa, como referida no capítulo 1 (p. 13), remete para uma vida com uma falha no aproveitamento social, ou seja, vive-se de interagindo de espaços fechados para espaços fechados, tornando as relações interpessoais impossíveis, originando uma sociedade individualista. Surge portanto a vontade de desenvolver um projeto cujo o espaço urbano seja percorrível proporcionando relação entre a comunidade excluída-incluída, estudam-se percursos urbanos pontuais, não esquecendo a premissa inicial de que este projeto pretende ser efémero e não invasivo.

O edifício habitacional divide-se em duas partes (fig. 21), *privada*: os módulos e *semiprivada*: os apoios, pensados nos nós da estrutura - refeitório, lavandaria e instalações balneárias - zonas que partem das medidas modulares definidas para o espaço habitável (3,20mx6,40m), sendo a lavandaria a medida de um módulo; o refeitório e os balneários duas vezes a medida modular.

A ideia de individualizar as zonas de dormir dos apoios surge pelo facto de se tratar de um alojamento temporário e como já referido, com o objetivo de ser pouco invasivo no terreno. Por questões construtivas, uma vez que as condutas seriam somente implementadas nas extremidades do edificado, diminuindo assim a preocupação com as fundações.

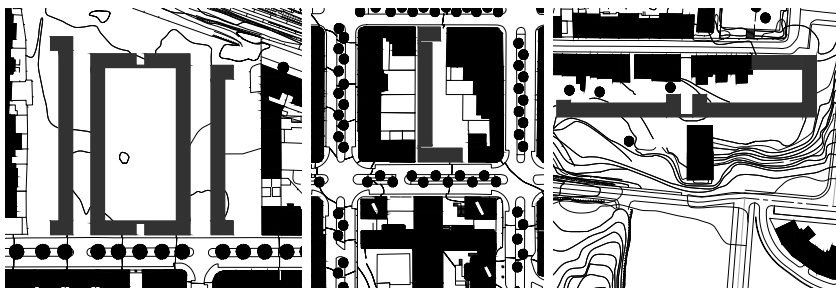


Fig. 28 - Possibilidades de agregação. Estacionamento Campo Pequeno, Picoas e Olaias, respetivamente. S/ esc.

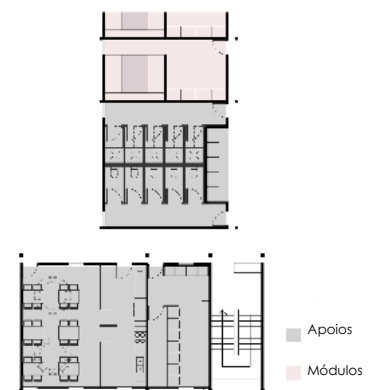


Fig. 27 - Relação entre apoios e módulos. Infraestruturas nas extremidades da estrutura. S/ esc.

4.5 | ELEMENTOS CONSTRUTIVOS

Com base em métodos construtivos usados por Le Corbusier (fig.29) surge o interesse, que por sua vez se tornou na principal premissa quanto aos elementos de construção da proposta, tornar a estrutura totalmente independente dos módulos.

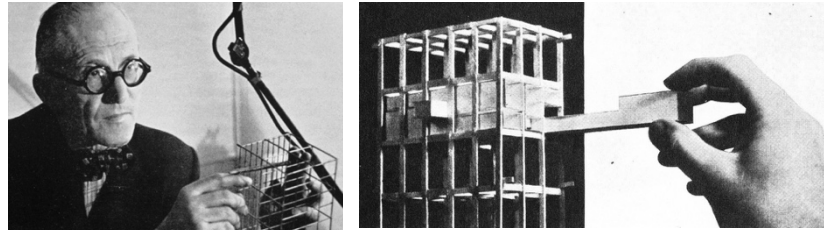


Fig. 29 – Le Corbusier. L'unité d'habitation – Assemblage photo.

A estrutura suporta os módulos (fig.30), oferecendo acessos e galerias aos mesmos, construída com pilares e vigas de perfil I.

Pretende-se que o módulo seja construído com painéis sandwich revestidos em madeira, no interior a bruto e no exterior com acabamento em pintura isolante. Partindo de uma proposta de baixo custo, o uso de materiais nobres é mínimo, sendo pontualmente colocados no mobiliário (arrumos e alcova) em madeira de pinho, a mesma usada nas paredes interiores; o pavimento do módulo é revestido em vinílico adesivo, pela facilidade de montagem e custo reduzido.

Esta estrutura tem como objetivo a rapidez de execução e o uso de materiais económicos, podendo se tornar num edifício com aspeto industrial, uma vez que usa elementos pré-fabricados não convencionalmente usados em edifícios habitacionais, no entanto não esquecendo o conforto do usuário, o núcleo habitacional estuda elementos para o conforto do Homem.

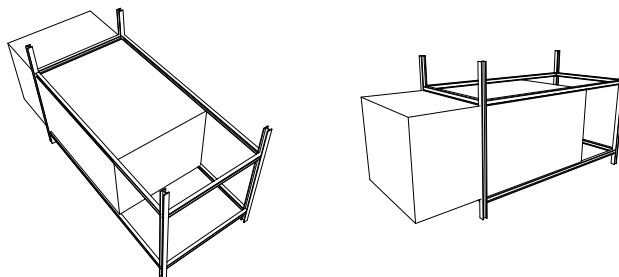


Fig. 30 – Relação Módulo – Estrutura Metálica. S/ esc.

05 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi realizado com o objetivo de requalificar urbanos devolutos existentes na cidade de Lisboa, demonstrando que a arquitetura temporária tem mais utilidade do que normalmente associado. Através de pesquisas realizadas no plano teórico e projetual, considera-se importante a inserção de comunidades sem abrigo na cidade, pela escassez de ajuda perante estes casos precários. Urge suprimir terrenos devolutos na capital portuguesa, pensando numa estrutura que se adapte a diversas morfologias, de carácter pouco invasivo no terreno e como principal premissa servir sempre o Homem nas suas mais puras necessidades – abrigo e conforto.

Quando se descobre o que definitivamente é essencial para o ato de habitar, resolvem-se questões para uma nova noção de casa, demonstrando assim que o Homem vive com o mínimo, voltando à analogia da “tenda” - que monto e desmonto quando necessito, num local onde me sinto mais confortável e protegido – equaciona-se que habitar é usar um espaço que independentemente do período de tempo, é confortável e identitário. A casa do hoje não é necessariamente a casa típica e convencional, mas sim um espaço de passagem, servindo o Homem no seu momento de recolha da agitação exterior da cidade contemporânea.

Este projeto sem terreno, uma vez que se pode implementar em qualquer espaço, é apresentado em três terrenos escolhidos pela sua diversidade, afim de demonstrar a versatilidade do edifício modular temporário.

Vocacionando esta proposta para um problema social – comunidades sem abrigo - durante o desenvolvimento do trabalho, deparei-me com diversas questões relativamente à falta de ajuda para estes casos, que mais interesse me deu em pensar num alojamento que com poucos recursos fosse confortável para quem o habita. Esta estrutura pela rapidez e facilidade de construção, assim como de baixo custo, quer tornar possível abrigo a todos os cidadãos. De facto, a parte teórica e prática acabaram por se complementar, foi de crucial importância a exploração e análise de diversos casos de referência, assim como de questões sobre ajudas sociais disponíveis às comunidades desalojados e às que permanecem em risco devido a baixos salários e elevadas rendas. A análise dos locais através de pesquisas, levantamentos, elementos fotográficos e maquetes de estudo, foram essenciais para a elaboração da proposta projetual.

Concluindo esta proposta, percebe-se que com poucos recursos consegue-se dar um espaço íntimo e confortável a quem mais precisa; que uma cidade não vive do turismo, mas da comunidade a quem ela pertence. Sendo Portugal o caso prático em estudo, percebe-se que o cidadão português está esquecido e que o mais importante é a riqueza do turismo. Esquecendo, por conseguinte, que sem o cidadão a cidade não existe.

É importante começar a pensar que todos os cidadãos merecem o mínimo de qualidade de vida e que casos sem abrigo, não são somente pessoas com problemas de alcoolismo ou toxicod dependência, mas também pessoas que devido a salários baixos e aos preços praticados em alojamento tornam-se impossibilitadas a usufruir de abrigo. A Arquitetura tem como principal certeza oferecer segurança, intimidade e conforto ao Homem. Esse deve sempre ser o ponto de partida de toda a arquitetura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS

Auge, M. (1994). Não-lugares - Introdução a uma antropologia da supermodernidade; tradução de Maria Lúcia Pereira – Campinas, SP. Ed. Papyrus (Coleção Travessia do século).

Bachelard, G. (1957). La poétique de l'espace. Ed. Presses Universitaires de France. Paris.

Cabrita, A. (1995). O Homem e a Casa – Definição individual e social da qualidade da habitação. Sector de Edições do CDIT. Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Lisboa.

Cardoso, A. (1993). A outra face da cidade – Pobreza em bairros degradados de Lisboa. CMLisboa.

Carvalho, R. (2016). A cidade Social – Impasse. Desenvolvimento. Fragmento. 1º ed. Tinta-da-china, Lda. Lisboa.

Davis, I. (1980). Arquitectura de emergencia. Ed. Gustavo Gili, S.A. Barcelona.

Gonçalves, A. (1997). Questões de Antropologia Social e Cultural. 2º ed. Afrontamento. Porto.

Habraken, N.J. (1979). El diseño de soportes. Ed. Gustavo Gili. Barcelona.

Kronenburg, R. (2003). Portable Architecture. 3º ed. Elsevier - Architectural Press. Burlington.

Pilar Echavarría, M. (2008). Arquitectura Portátil, envolventes imprevisíveis. Ed. Links Internacional – Carles Broto. Barcelona.

Lobão Vital, A. (1948). A casa, o Homem e a Arquitetura. 1º Congresso Nacional de Arquitetura – Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso. Ed. Ana Tostões.

Oliveira, E., Galhano, F. e Pereira, B. (1969). Construções primitivas em Portugal. Ed. Instituto de Alta Cultura. Lisboa.

Pereira, A. e Silva, D. (1999). Os sem-abrigo da cidade de Lisboa – Riscos de viver (n) a cidade. Ed. CDIT. Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Lisboa.

REVISTAS E ARTIGOS

Baldwin, C. e Clark, K.B. (1997). Managing in an Age of Modularity. Disponível em WWW: <URL:<https://hbr.org/1997/09/managing-in-an-age-of-modularity>>.

Rubantino, F. Arquitetura Modular. Disponível em WWW:
<URL:<http://www.rubatinoarquitetura.com.br/2017/02/20/arquitetura-modular/>>.

SIMPLY ARCHITECTURE (5.Fev.2013). Casa em Caminha – Só nós e santa tecla. Disponível em WWW:
<URL:<http://simplyarchitecture.blogspot.com/2013/02/sergio-fernandez-casa-em-caminha.html>>.

Vasconcellos, J. Bases e construção do sistema Dom-ino. Disponível em WWW:
<URL:https://www.academia.edu/20126614/Bases_e_construção_do_Sistema_Dom-ino>.

Wieber, M. Narkomfim Apartments. Disponível em Archinet People, WWW:
<URL:<https://archinect.com/mwieber/project/housing-case-study-narkomfim-apartments>>.

ANEXOS

ANEXO I – MAQUETES

ANEXO II – FOTOS DO TERRENO

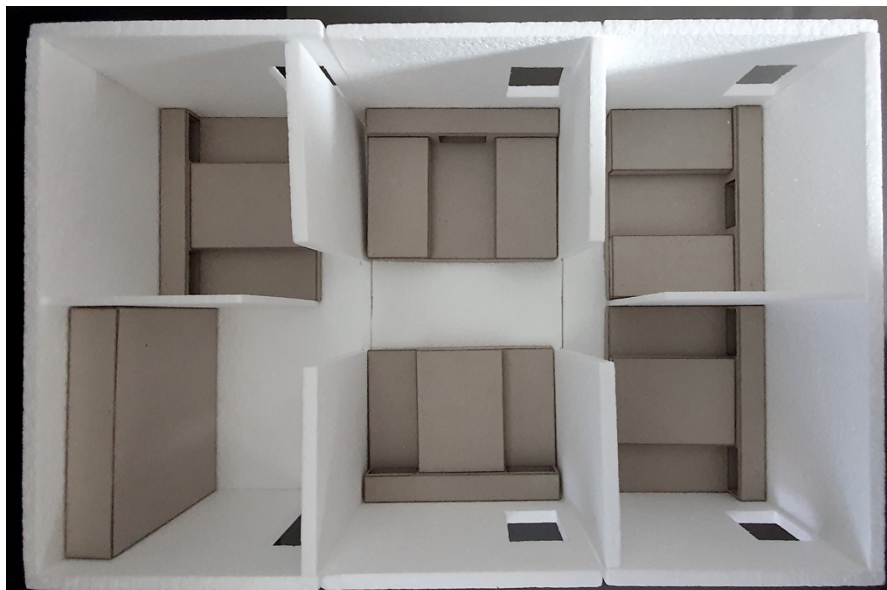
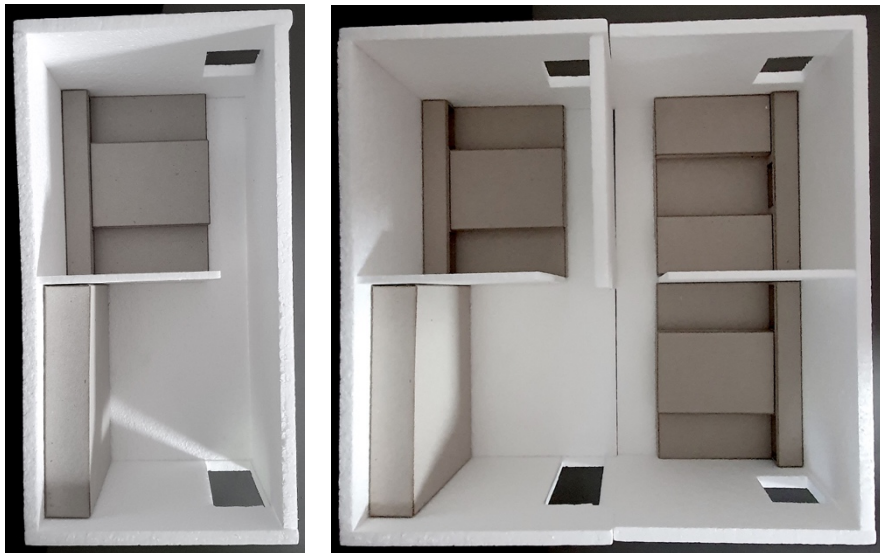
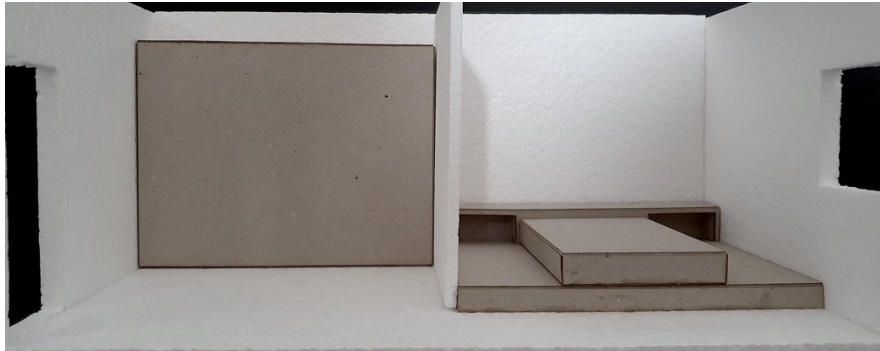
ANEXO III – CROQUIS

ANEXO IV – PAINÉIS FINAIS

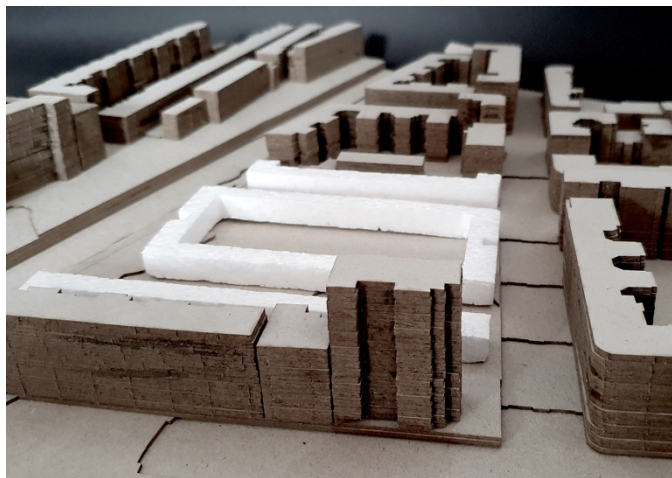
ANEXO I – MAQUETES | DEMONSTRAÇÃO DA ESTRUTURA



ANEXO I – MAQUETES | MÓDULO



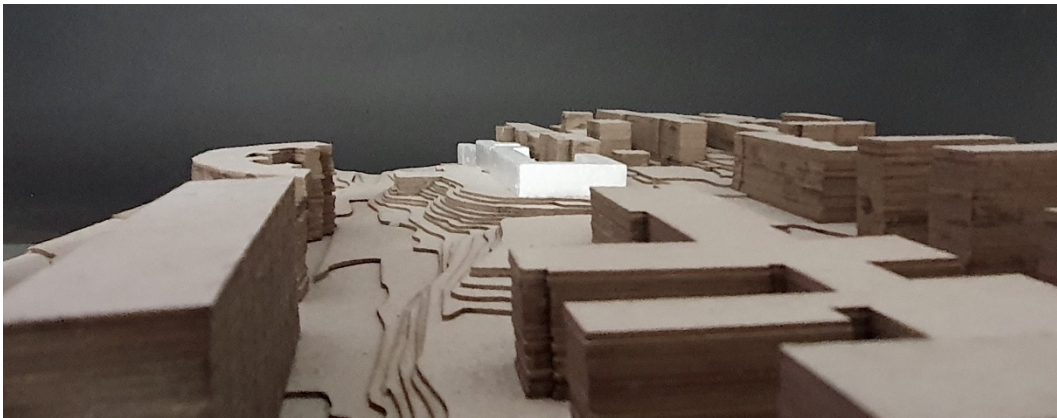
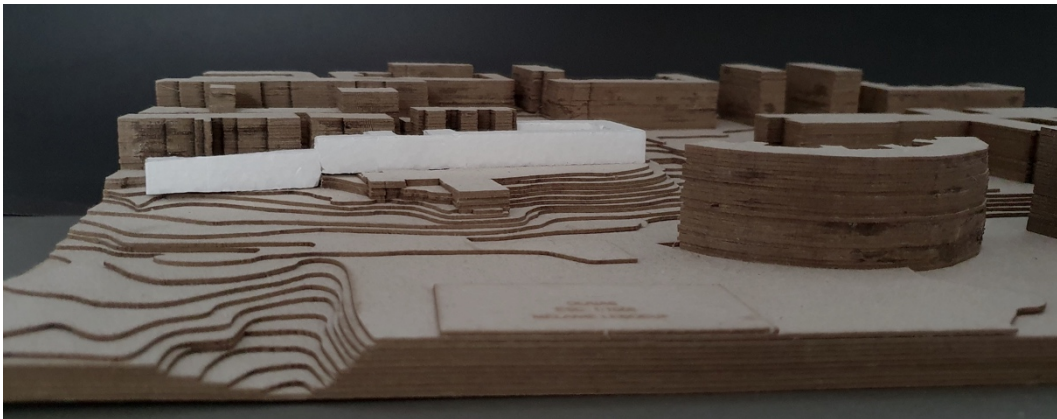
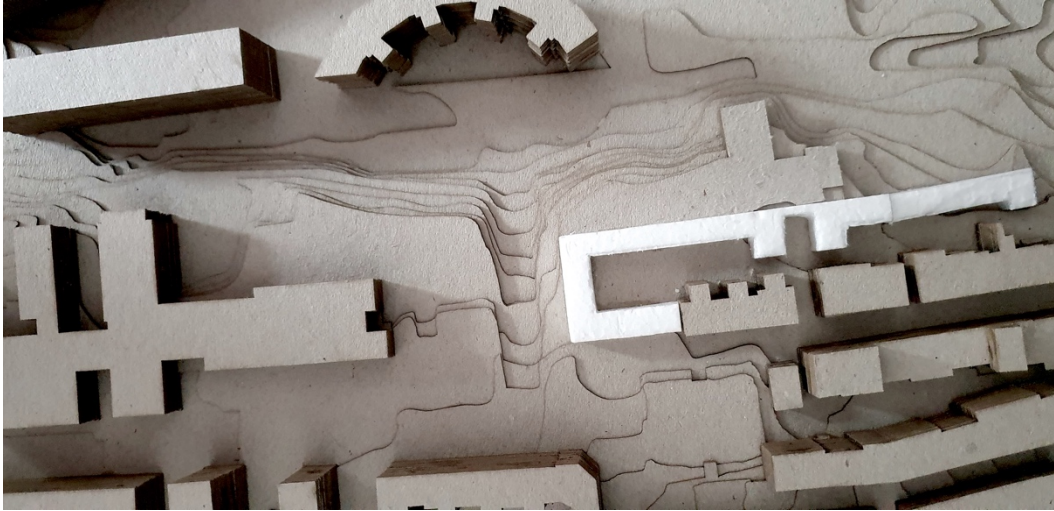
ANEXO I – MAQUETES | PROPOSTA CAMPO PEQUENO



ANEXO I – MAQUETES | PROPOSTA SALDANHA



ANEXO I – MAQUETES | PROPOSTA OLAIAS



ANEXO II – FOTOS DO TERRENO | CAMPO PEQUENO



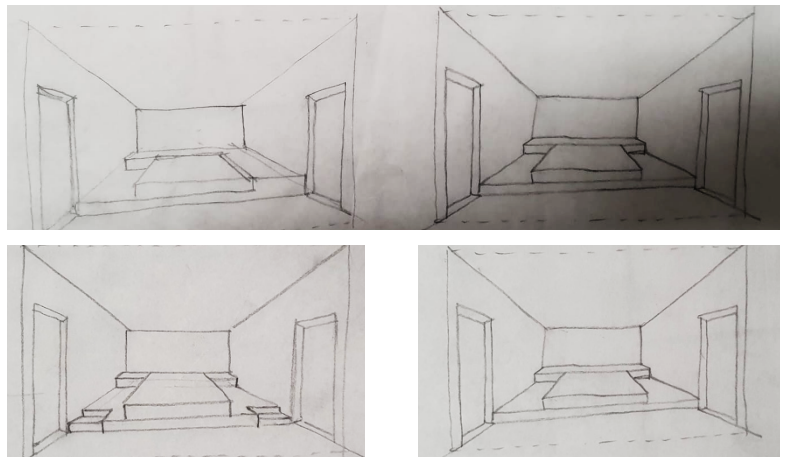
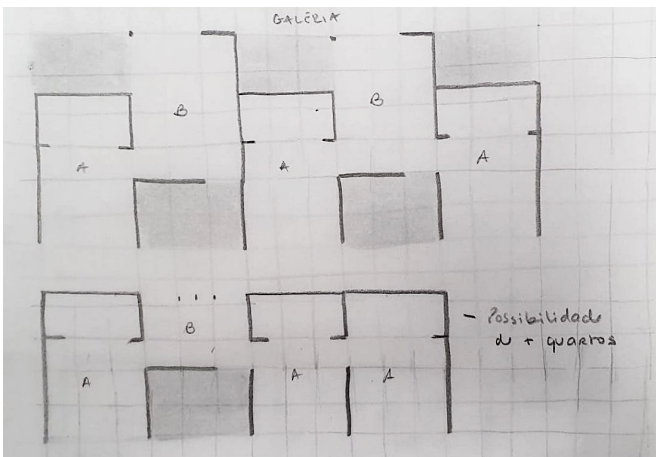
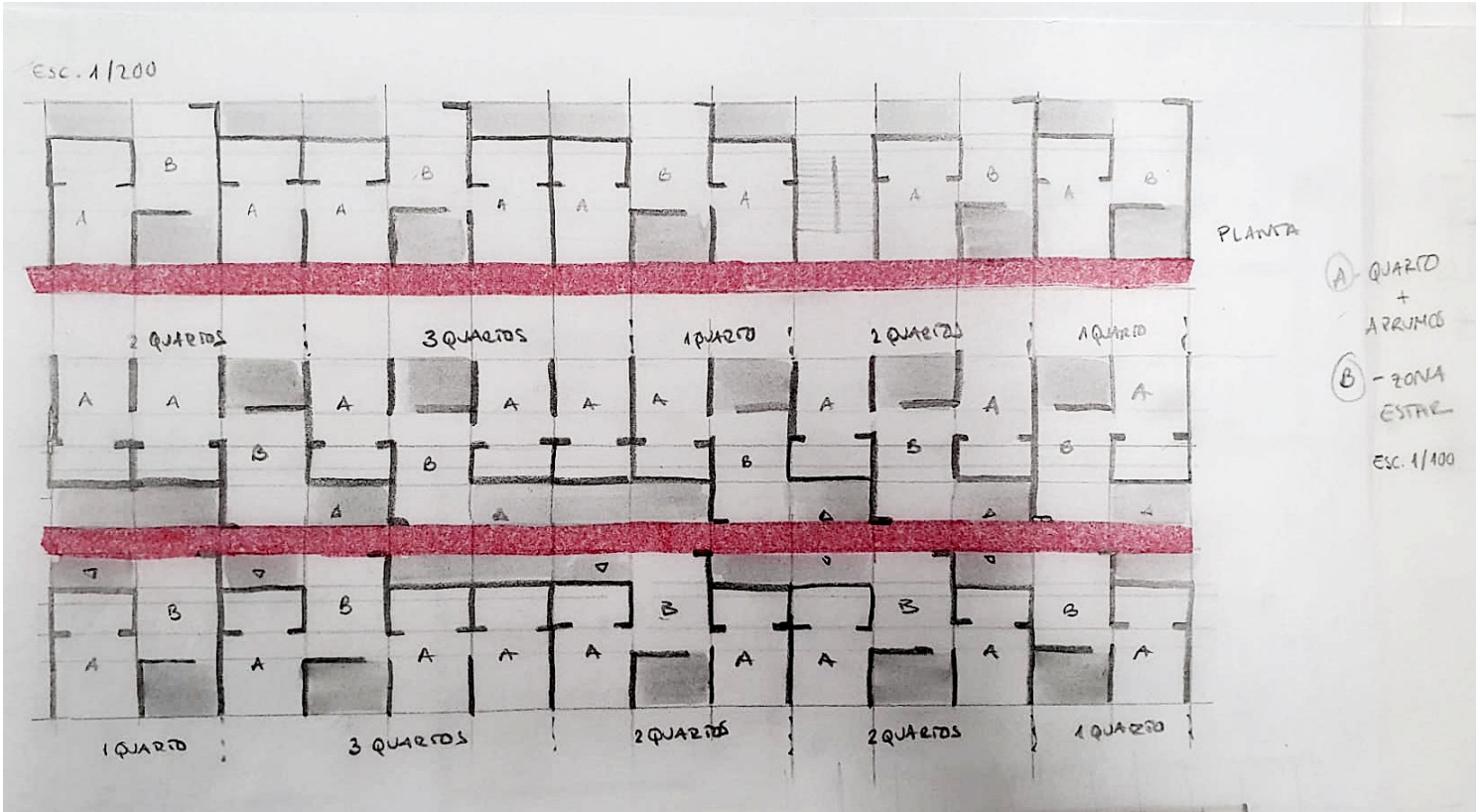
ANEXO II – FOTOS DO TERRENO | SALDANHA

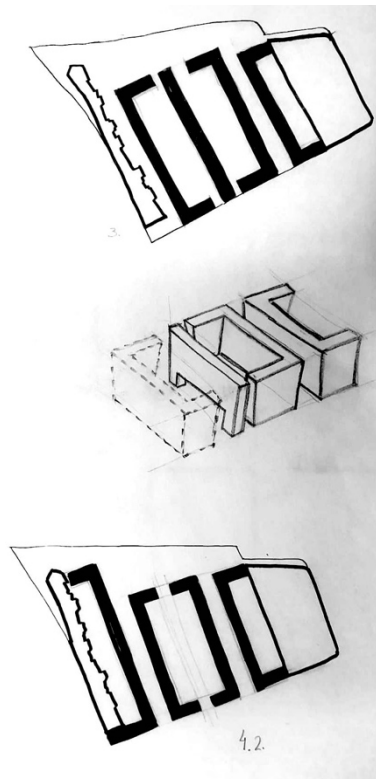
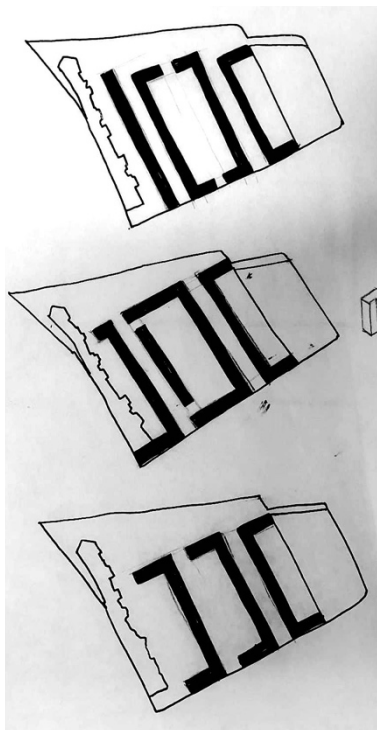
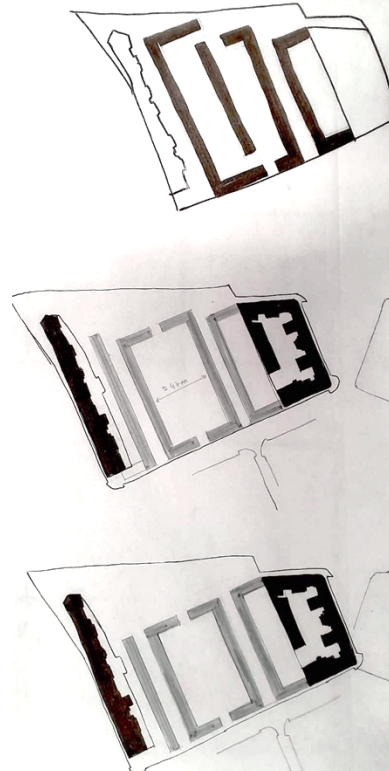
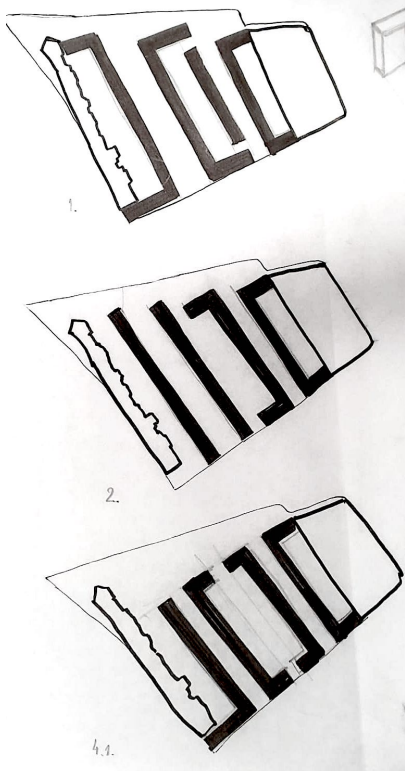


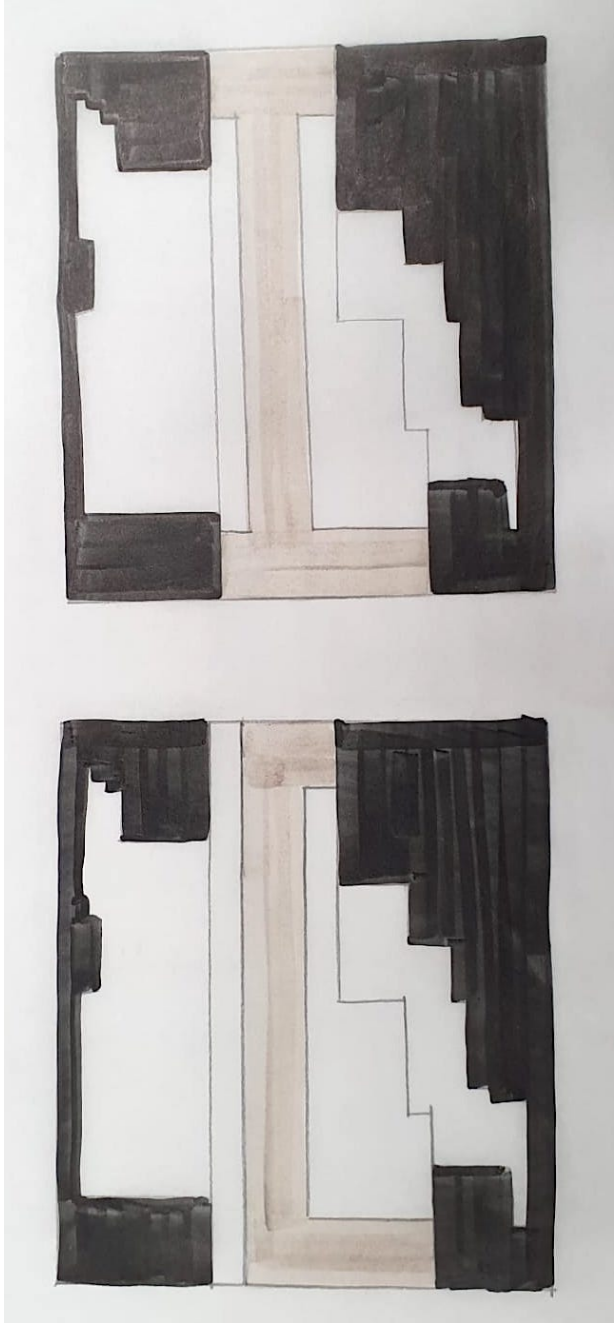
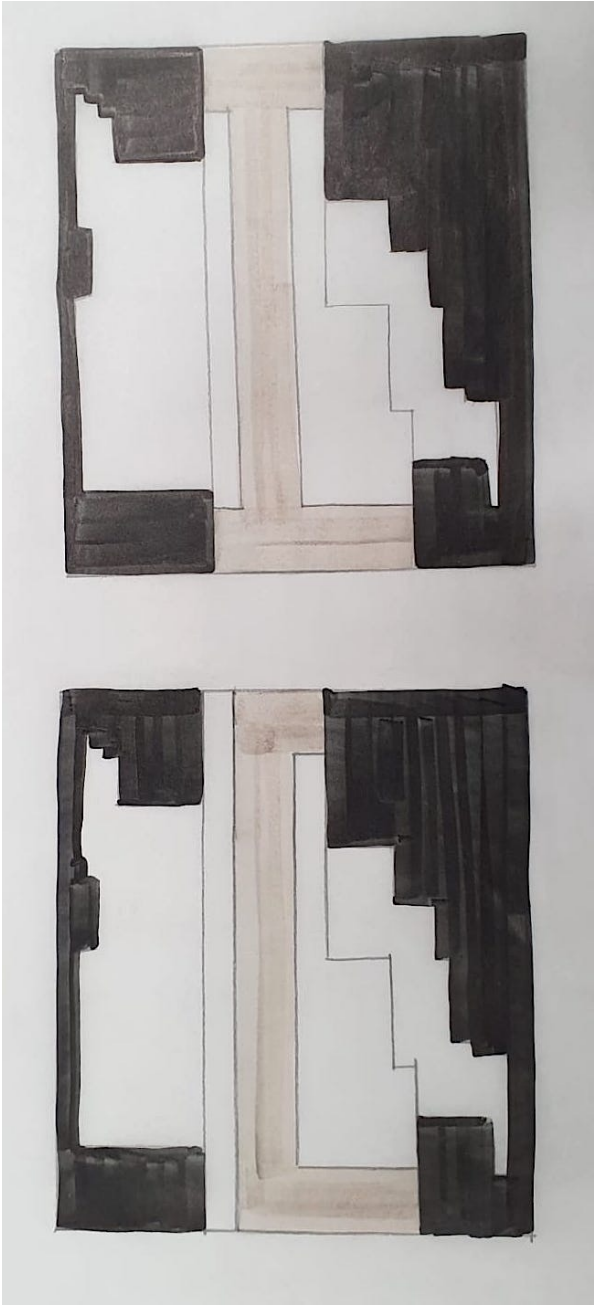
ANEXO II – FOTOS DO TERRENO | OLAIAS

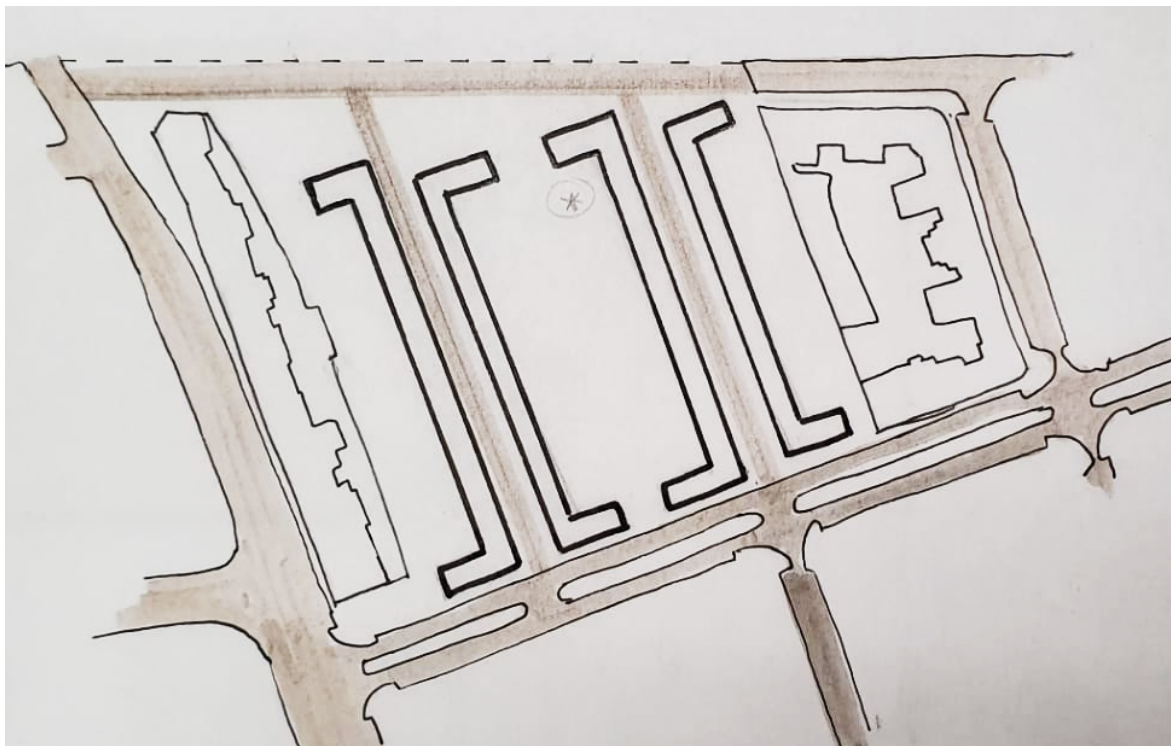
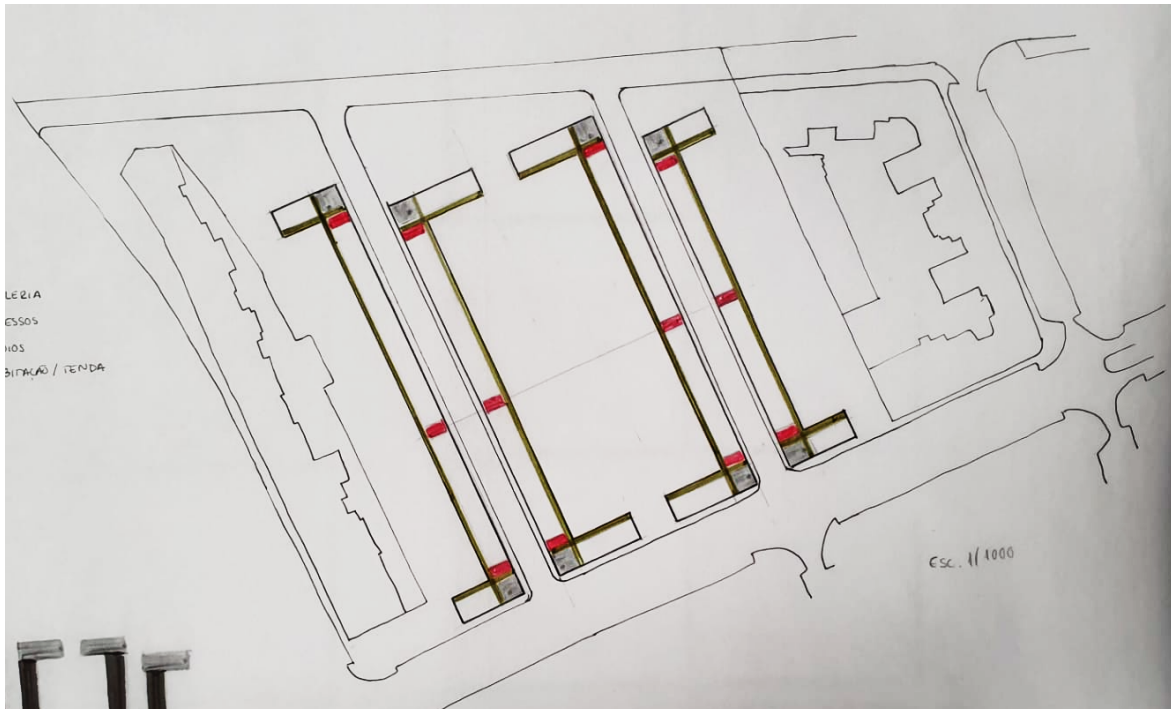


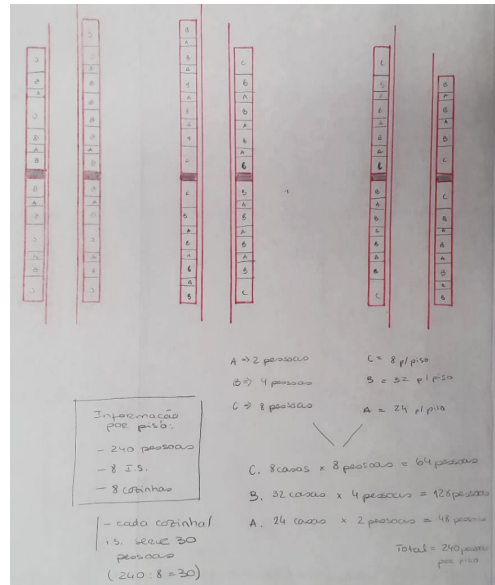
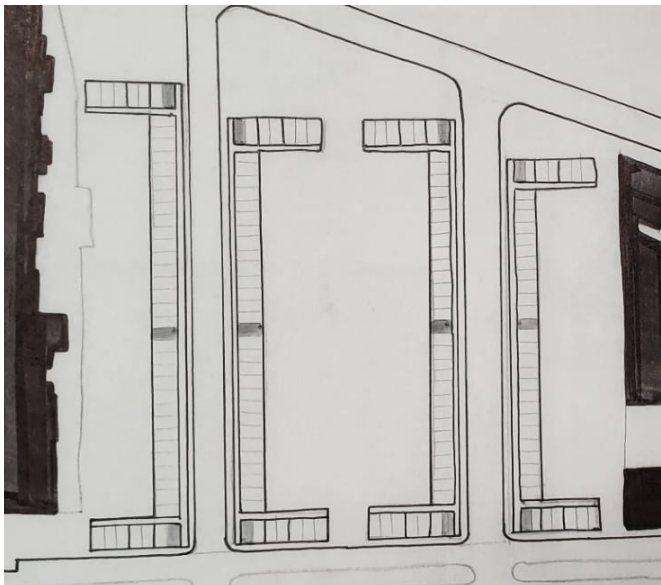
ANEXO III – CROQUIS





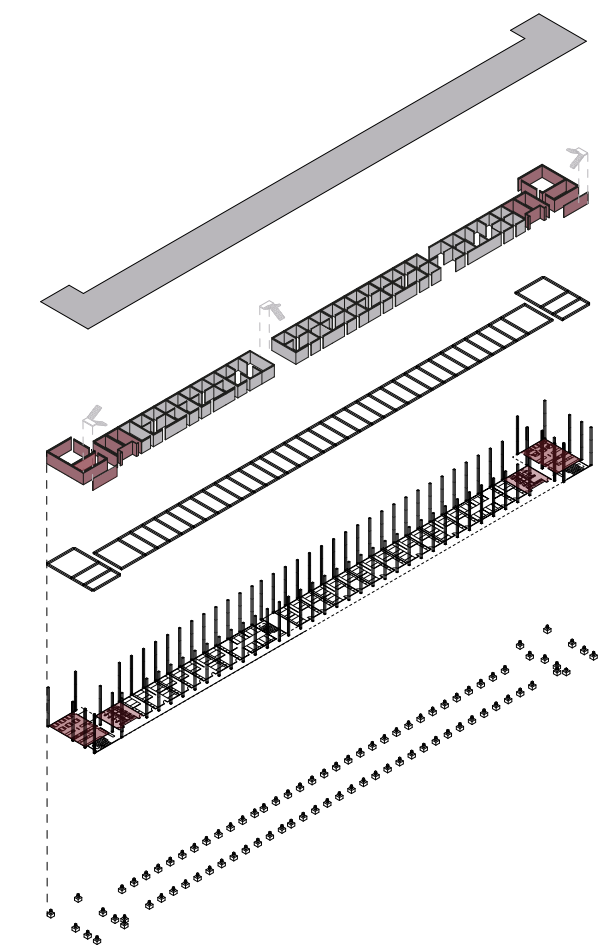




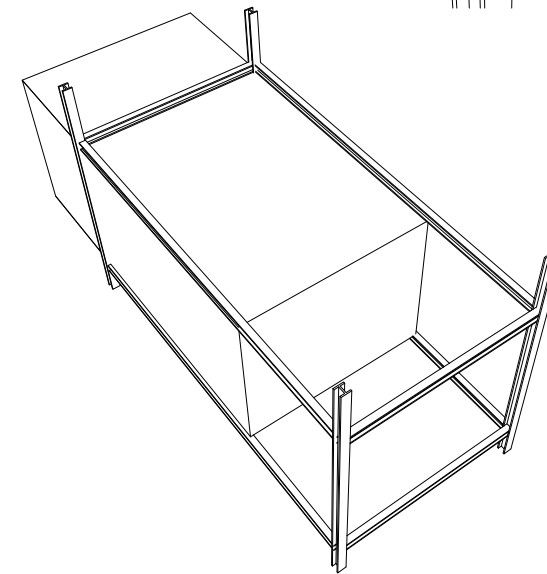
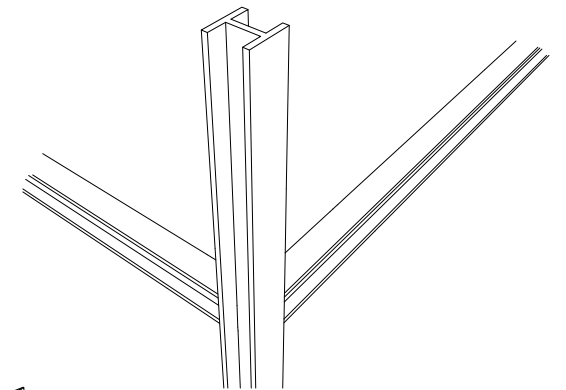
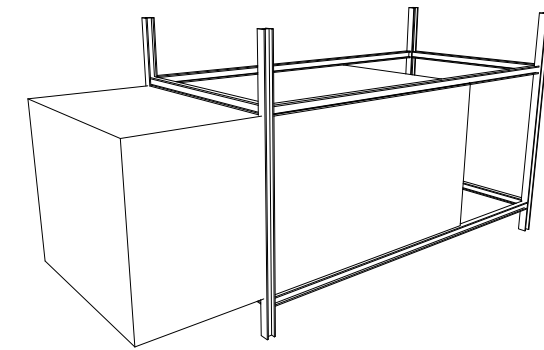
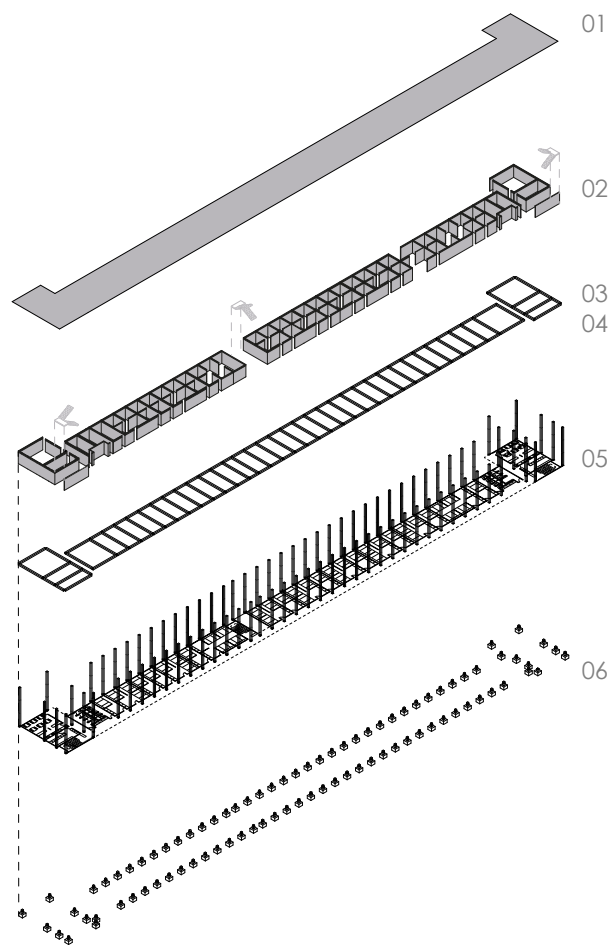


ANEXO IV – PAINÉIS FINAIS

- P01 – SISTEMA CONSTRUTIVO
- P02 – ORGANIZAÇÃO DAS TIPOLOGIAS
- P03 | P04 – MÓDULO ESC. 1:20 | DETALHES CONSTRUTIVOS ESC. 1:5
- P05 – PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
- P06 – TERRENOS EM ESTUDO
- P07 – PISO TÉRREO - CAMPO PEQUENO
- P08 – CORTE E ALÇADO – CAMPO PEQUENO
- P09 – PISO TIPO – CAMPO PEQUENO
- P10 – ALÇADO E DIAGRAMA – CAMPO PEQUENO
- P11 – PISO TÉRREO E DIAGRAMA - OLAIAS
- P12 – PISO TIPO E ALÇADO - OLAIAS
- P13 – CORTE E ALÇADO - OLAIAS
- P14 – CORTE E ALÇADO - SALDANHA
- P15 – PISO TÉRREO E DIAGRAMA - SALDANHA
- P16 – PISO TIPO E ALÇADO - SALDANHA



■ APOIOS ■ MÓDULOS



01 - **COBERTURA** LAJE COLABORANTE | MADEIRA VIROC | MEMBRANA IMPERMIABILIZANTE

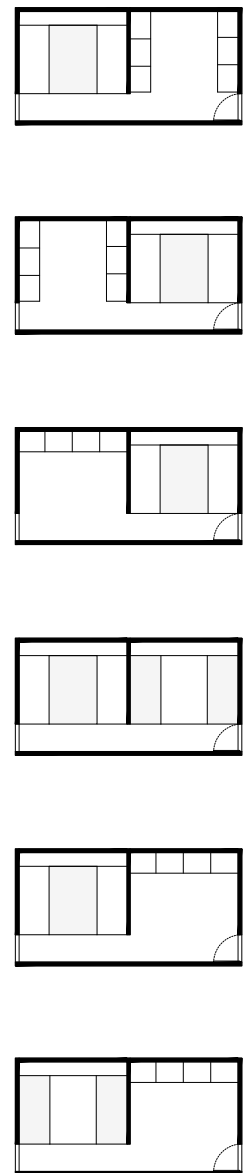
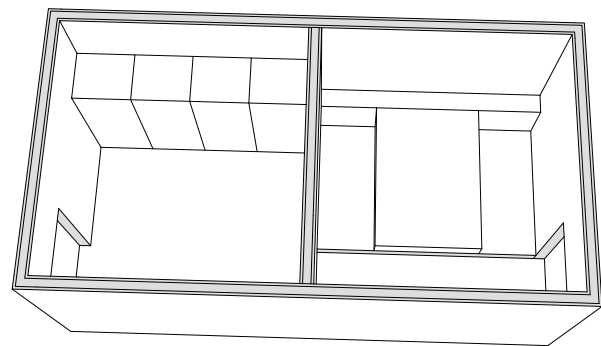
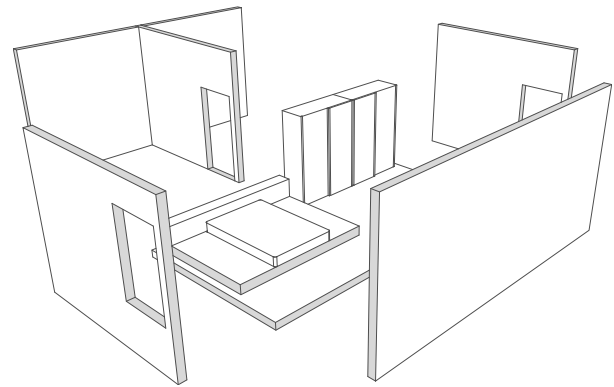
02 - **PAREDES** PAINÉIS SANDWICH

03 - **GALERIA** LAJE COLABORANTE | MADEIRA VIROC

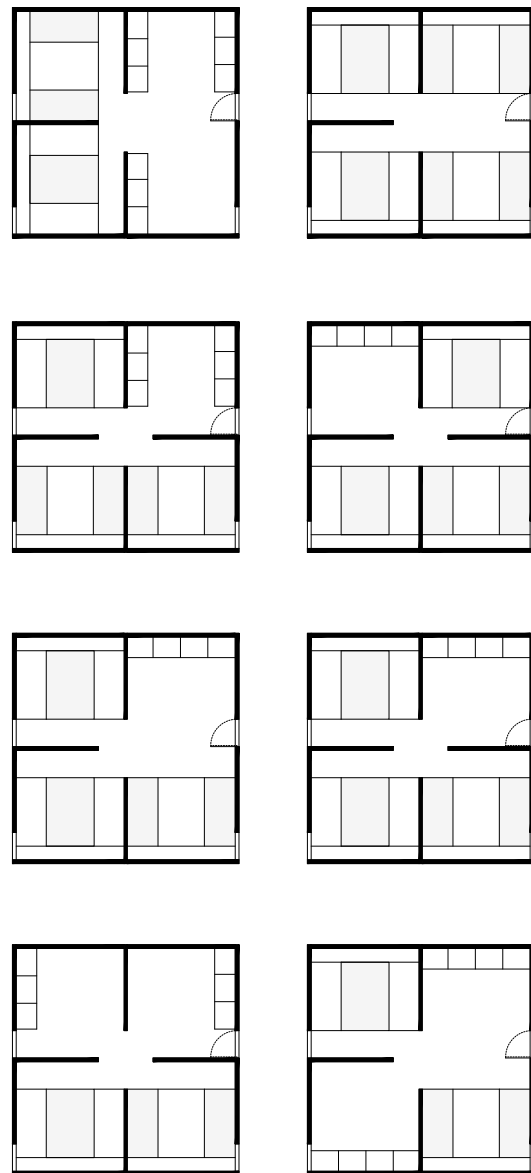
04 - **VIGAS** PERFIS IPN

05 - **PILARES** PERFIS HEA

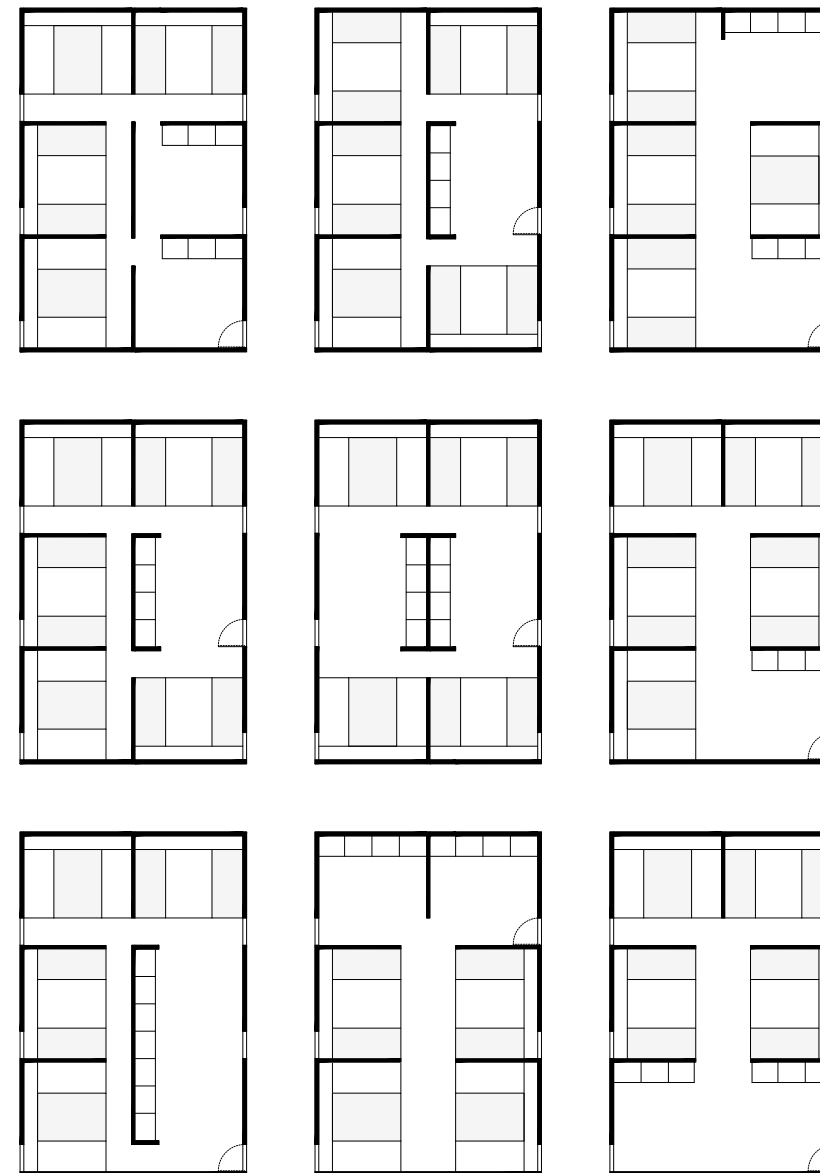
06 - **FUNDAÇÕES** BETÃO



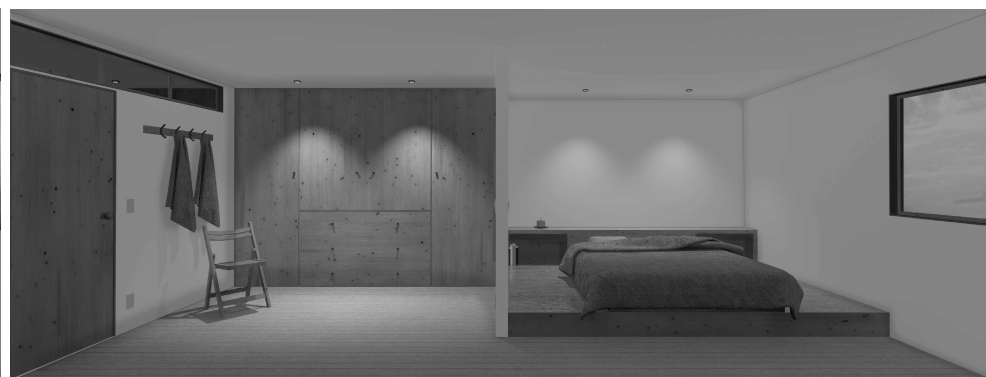
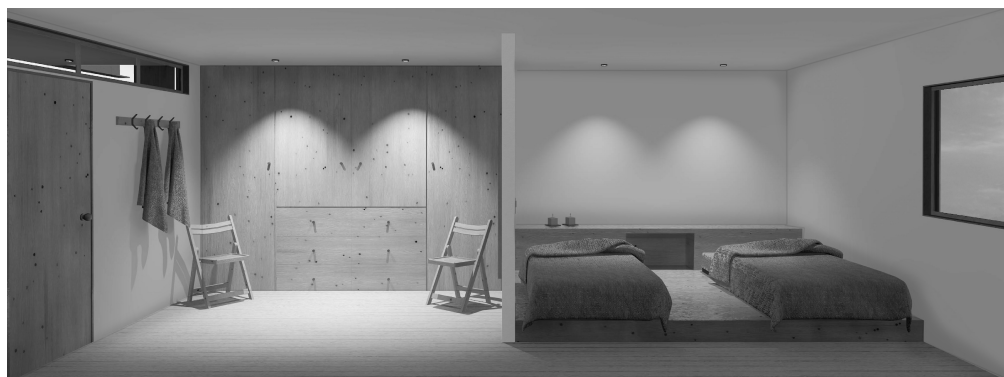
Tipologia A

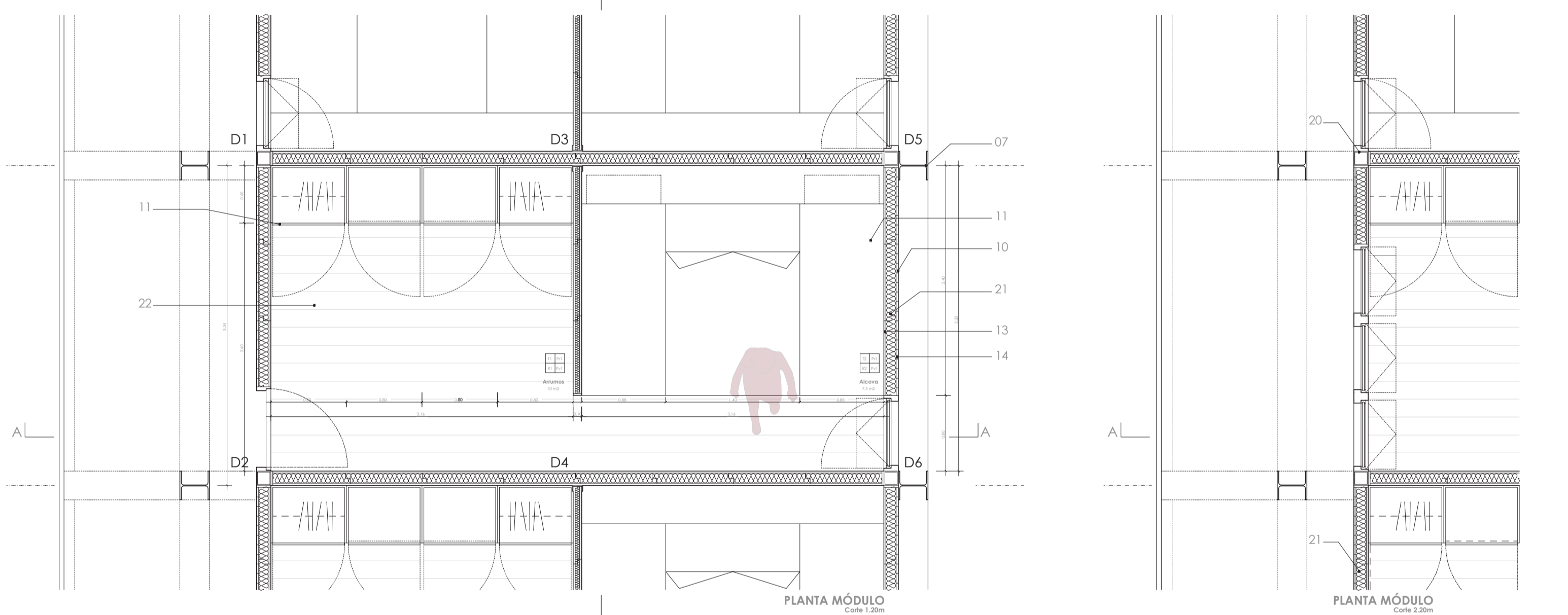
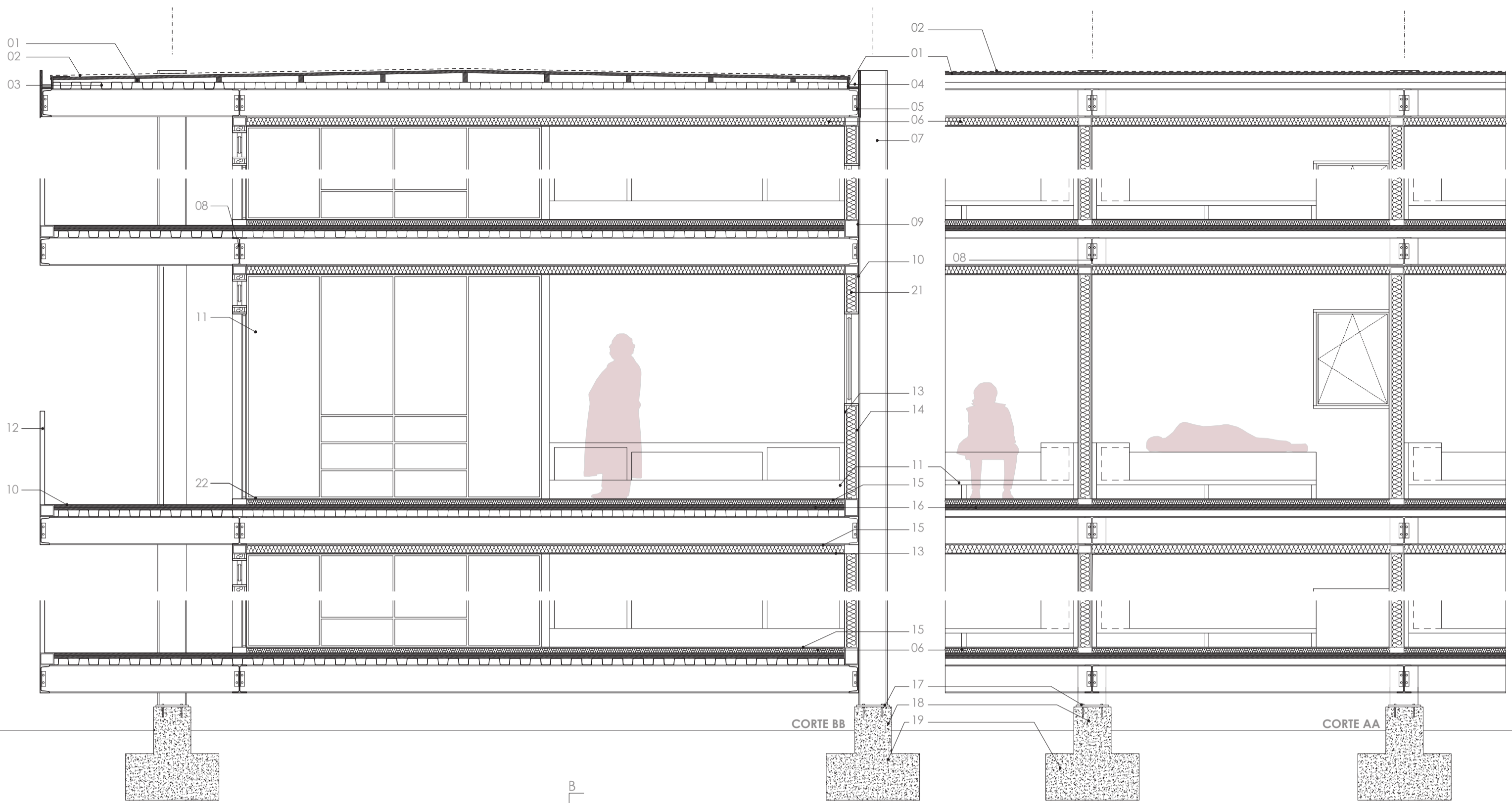


Tipologia B



Tipologia C





ACABAMENTOS

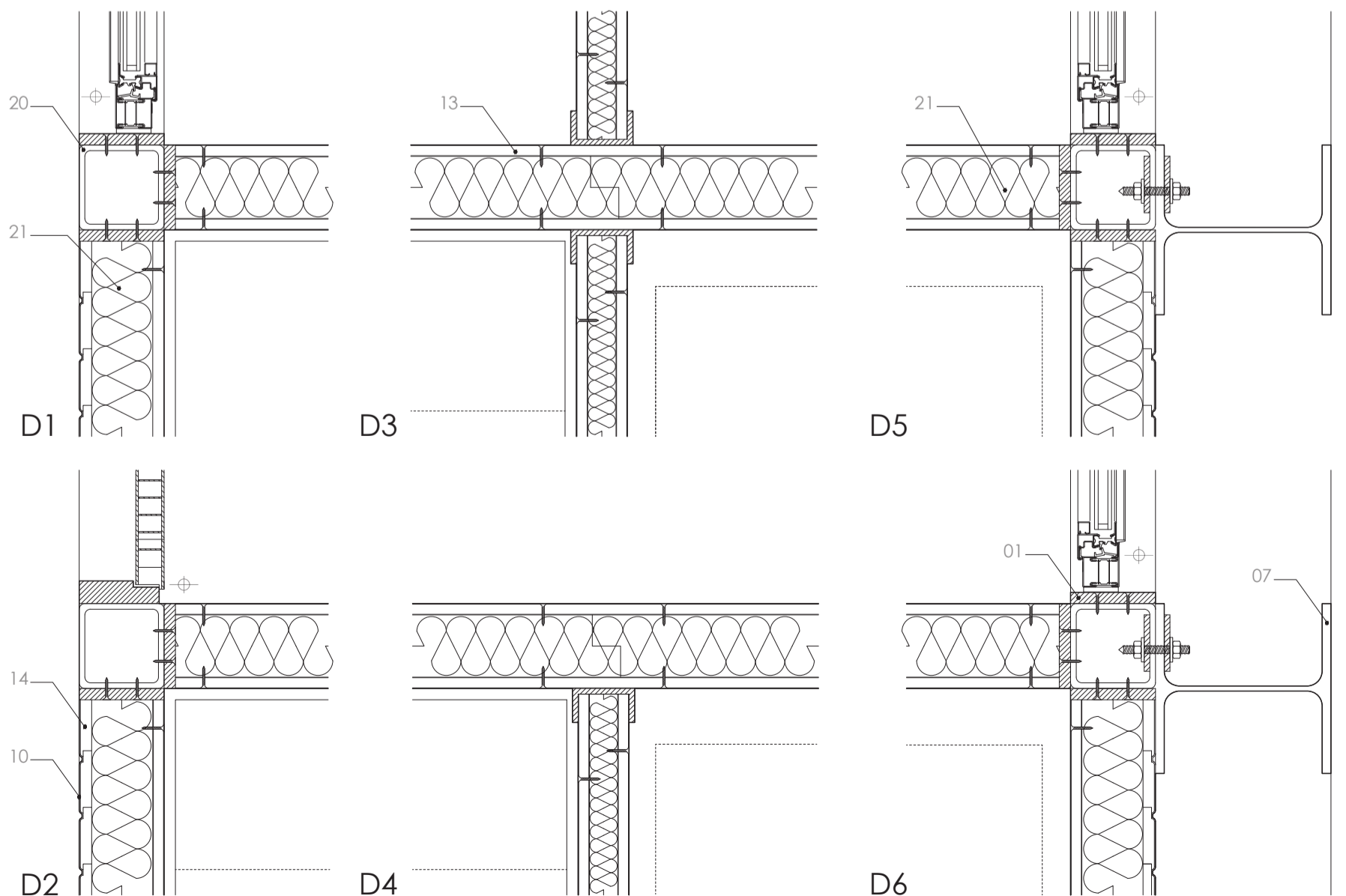
Tetos
T1 - Tinta Plástica sobre teto em gesso cartonado liso
T2 - Tinta Plástica sobre teto em gesso cartonado liso

Paredes
Pr1 - Tinta Plástica sobre gesso cartonado
Pr2 - Tinta Plástica sobre gesso cartonado

Rodapés
R1 - Remate em Vinílico adesivo
R2 - Madeira de Pinho com acabamento de óleo de uretano

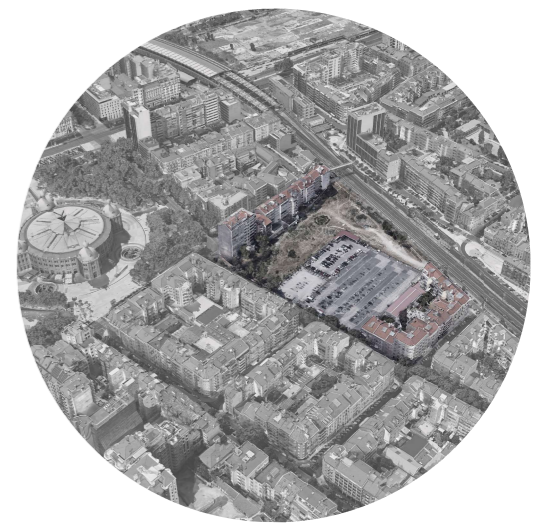
Pavimentos
Pv1 - Vinílico adesivo em rolo Sterling Oak
Pv2 - Tacos de madeira de pinho com acabamento de óleo de uretano

- | | |
|---|--|
| 01 - Calço de Madeira | 13 - Gesso Cartonado |
| 02 - Membrana Impermeabilizante | 14 - Madeira de Pinho tratada |
| 03 - Chapa de Perfil Trapezoidal | 15 - Tábua de Madeira maciça |
| 04 - Chapa de Zinco Quinada com Goteira | 16 - Madeira Vitroc Cinza Bruto, encaixe por arestas macho-fêmea |
| 05 - Perfil UPN 300 | 17 - Base Metálica de ligação pilar-fundação |
| 06 - Isolamento em lã de rocha | 18 - Bloco de Betão |
| 07 - Perfil HEA 320 | 19 - Sapata de Betão |
| 08 - Perfil IPN 300 | 20 - Tubo Estrutural Laminado quente, Quadrado MSH 150x150 |
| 09 - Tubo de aço galvanizado | 21 - Isolamento em Poliestireno Extrudado XPS |
| 10 - Pintura de Impermeabilização | 22 - Pavimento Vinílico Adesivo |
| 11 - Madeira Maciça de Pinho | |
| 12 - Malha Distendida | |



COMUNIDADES DESALOJADAS

■ Monumentos ■ Terrenos em Estudo ■ Espaços Verdes ■ Lotes



Tr.1 - Campo Pequeno



Tr.2 - Avenidas Novas | Saldanha



Tr.3 - Olaias



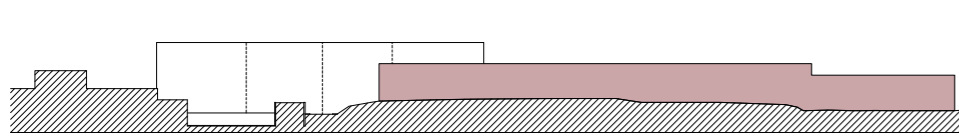
Olaias | Rua Luís Monteiro



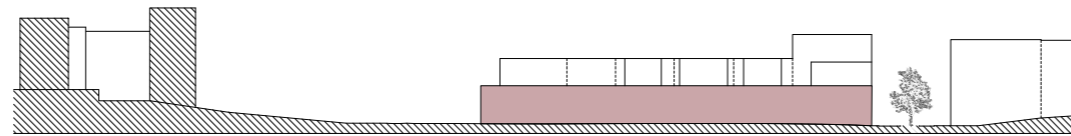
Campo Pequeno | Av. Sacadura Cabral



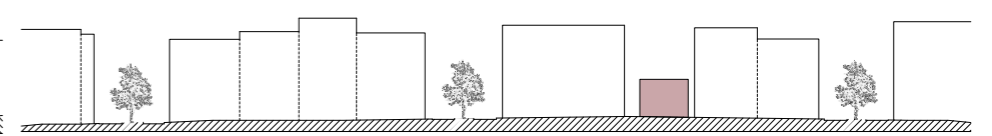
Saldanha | Rua Pedro Nunes - Rua Filipe Folque



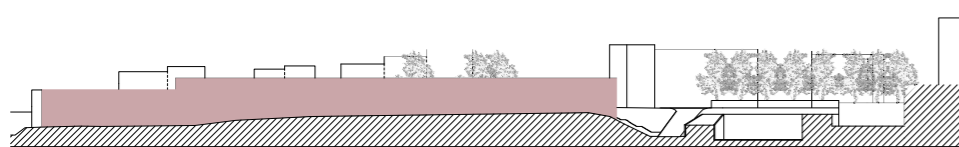
A | Rua Luís Monteiro



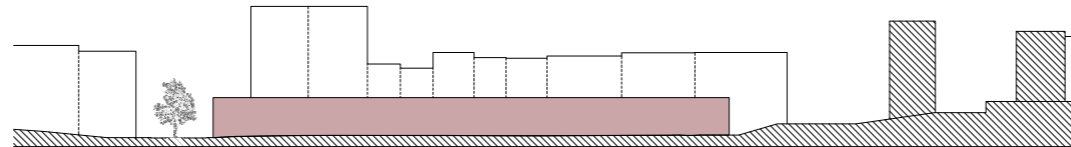
E | Rua de Entrecampos



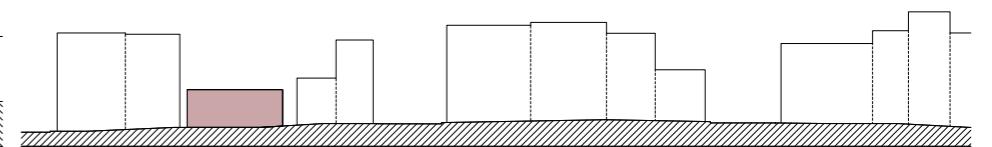
H | Rua Filipe Folque



B | Rua Eng. Santos Simões



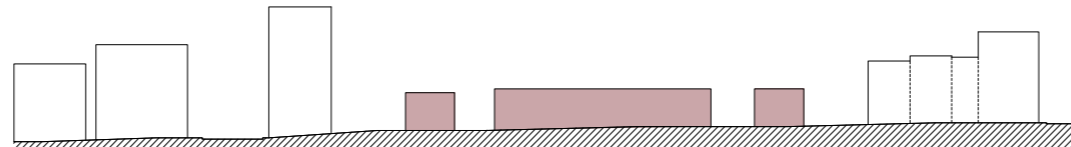
F | Rua David de Sousa



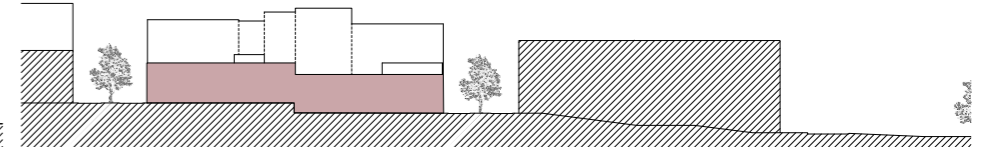
I | Rua Pedro Nunes



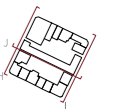
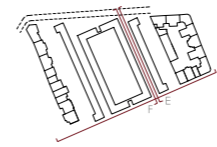
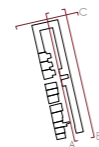
C | Rua Emilia Eduarda

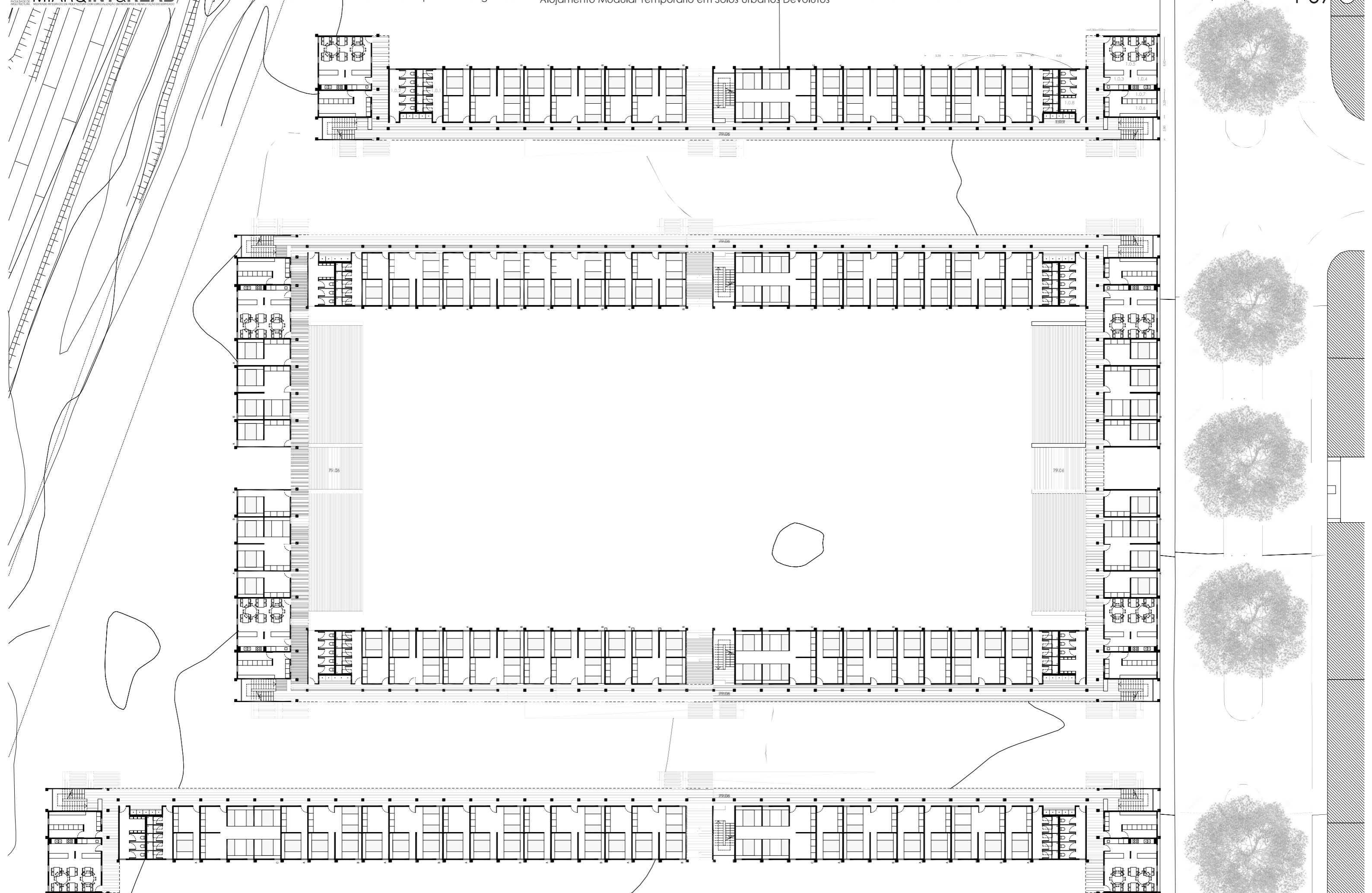


G | Av. Sacadura Cabral



J | Rua Latino Coelho





COMPARTIMENTOS:
1.01 - BALNEÁRIO 1.02 - INSTALAÇÕES SANITÁRIAS 1.03 - ZONA DE SÍTIOS 1.04 - COZINHA 1.05 - REFEITÓRIO 1.06 - LAVANDARIA 1.07 - MANUTENÇÃO E ARRUMOS 1.08 - MÓDULOS 1.09 - LAVABOS

